

# al-Qasr

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #18 (tomo 1) Jul. 2013

## SADO

a etimologia do topónimo  
do rio que passa em al-Qasr

Alcácer [do Sal]

## ARRÁBIDA

recursos, vias e trânsito  
no Bronze Final

---

O Conjunto Sepulcral Romano  
do Monte da Loja (Serpa, Beja)

---

Dois Likes 👍 de Darwin  
para o trabalho de Carlos Ribeiro

---



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**há mais na internet**

# al.amadã

[<http://www.almadan.publ.pt>]

**toda a informação  
sobre as edições em papel  
à distância de alguns toques**



**Iª Série  
(1982-1986)**

**índices completos  
resumos dos artigos  
onde comprar  
como encomendar  
como assinar  
como colaborar**

...



**IIª Série  
(1992-...)**

uma edição



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo e Carlos Marques da Silva

Zona costeira da serra da Arrábida, vendo-se em fundo a península de Tróia e o estuário do rio Sado. Fotografia © Carlos Marques da Silva, com tratamento digital.



II Série, n.º 18, tomo 1, Julho 2013

Propriedade e Edição |  
Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal  
Tel. / Fax | 212 766 975  
E-mail | [secretariado@caa.org.pt](mailto:secretariado@caa.org.pt)  
Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Registo de imprensa | 108998  
ISSN | 0871-066X (edição impressa)  
ISSN | 2182-7265 (edição digital)  
Publicidade | Elisabete Gonçalves  
Periodicidade | Semestral  
Distribuição |  
<http://issuu.com/almadan>

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Conselho Científico |  
Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Ana Luísa Duarte,  
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),  
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel  
dos Santos (francês)

Aproximadamente no primeiro semestre de 2013 (14 de Janeiro a 13 de Julho, data em que são escritas estas linhas), o conjunto das seis edições da *Al-Madan Online* regista dados estatísticos impressionantes para uma publicação desta natureza e temática: 15 587 visualizações na plataforma ISSUU, das quais 1626 correspondem a leitores *online* em consultas de duração média superior a duas horas, enquanto 404 preferiram fazer *download* para utilização fora da Internet. No mesmo período, destacando desse conjunto os valores da última edição – o Tomo 2 da *Al-Madan Online* 17, colocado em linha no passado dia 25 de Janeiro –, é ainda mais eloquente o registo: 3666 visualizações, 692 leitores *online* (acessos com 3.35 h de duração média) e 199 *downloads*.

Esta imagem quantitativa traduz o interesse crescente e sustentado pelos conteúdos que o Centro de Arqueologia de Almada disponibiliza gratuitamente na Internet, através da *Al-Madan Online*. E, ainda que a afirmação não decorra da aplicação de algum tipo de ferramenta analítica para o efeito, corresponderá certamente a uma avaliação qualitativa positiva por parte dos leitores e dos colaboradores.

Ecos dessa avaliação positiva chegam-nos frequentemente, por várias formas, e constituem estímulo importante para manter e aperfeiçoar um projecto editorial que entendemos como serviço público prestado aos investigadores portugueses e, em geral, um dos contributos ao nosso alcance para promover a Cultura científica e a Educação patrimonial no país.

Um dos indicadores mais evidentes do que acima se escreveu é o aumento do número e da diversidade de originais recebidos para publicação, dando sentido ao recente reforço da periodicidade da *Al-Madan Online*, semestral desde o n.º 17. Prova-se assim a vitalidade e a dinâmica da comunidade científica, nomeadamente a que se dedica às áreas da Arqueologia, do Património, da Museologia e de outras ciências relacionadas. E prova-se também a confiança que esta tem na *Al-Madan* enquanto veículo privilegiado para a divulgação do seu trabalho.

Apresentamos assim mais um número equilibrado e variado, que reúne artigos de opinião sobre diferentes problemáticas e publicita os resultados de trabalhos arqueológicos e antropológicos recentes, com múltiplos enquadramentos cronológicos e geográficos. Insere ainda alguns estudos de materiais e um apontamento interessante para a historiografia arqueológica portuguesa.

E não podemos esquecer a complementaridade com a tradicional *Al-Madan* impressa e as suas 176 páginas de outros conteúdos originais. Infelizmente, o volume preparado em paralelo com este tomo da *Al-Madan Online* sofreu um adiamento que esperamos curto, face ao atraso na entrada das receitas que garantiriam ao CAA as condições para a impressão tipográfica da maquete entretanto paginada. Apela-se, por isso, à compreensão dos leitores e, em particular, dos colaboradores afectados.

Jorge Raposo

Modelo gráfico | Jorge Raposo

Tratamento de imagem, ilustração e  
paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,  
Elisabete Gonçalves, José Carlos  
Henrique e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número |

Carlos Boavida, José M. Brandão,  
António Rafael Carvalho,  
Tânia Manuel Casimiro, Sónia Cravo,  
Victor Filipe, Joana Alves-Ferreira,  
José Paulo Francisco, Ana Sofia  
Gervásio, André Gregório,  
Javier Larrazabal Galarza,

Marina Lourenço, César Augusto  
Neves, Carmen Pereira, Mafalda  
Teixeira de Sampayo, Miguel Serra,  
Pedro da Silva, Telmo Silva,  
Vera Santos e Ricardo Soares

EDITORIAL ...3 ▶

OPINIÃO

Plano de Gestão do Parque do Côa:  
instrumento para uma gestão integral e  
integrada do Património, ou seja, capaz de  
unir entre si | José Paulo Francisco ...6 ▶



Instantes da *Espera*:  
a Polaroid enquanto  
experiência da *expectativa* |  
Joana Alves-Ferreira ...11 ▶

A Escolha do Sítio nas  
Cidades Islâmicas Portuguesas |  
Mafalda Gambutas Teixeira de  
Sampayo ...40 ▶

ARQUEOLOGIA

Recursos, Vias e Trânsito na Arrábida  
do Bronze Final: a “rota do sal” e a  
“síndrome do marinheiro” |  
Ricardo Soares ...45 ▶



Paradigmas e  
Abordagens  
Científicas da  
Arqueologia em  
Contexto  
Museológico:  
exemplo da “pedra partida” de  
Ardegães e proposta de nova  
exposição | Pedro da Silva ...18 ▶



O Conjunto Sepulcral  
Romano do Monte da  
Loja (Serpa, Beja) |  
Marina Lourenço e  
Sónia Cravo ...51 ▶



Uma Reflexão Sobre a  
Etimologia do Topónimo  
do Rio que Passa em  
*al-Qaṣr* / Alcácer [do Sal]:  
de rio *Ṣaadam* / Sadão a  
rio Sado | António Rafael  
Carvalho ...23 ▶



Intervenção  
Arqueológica  
no Alto do Calvário: o castelo de  
Miranda do Corvo | Vera Santos ...66 ▶



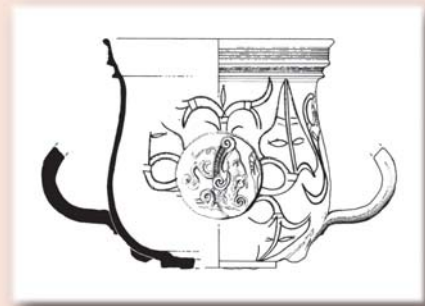
Trabalhos Arqueológicos no Terreiro da Erva (Coimbra) | Ana Sofia Gervásio e Carmen Pereira ...75 ▶



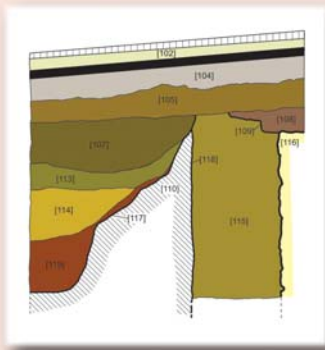
O Æ Follis do Imperador Bizantino Rômanos I Lekapēnos Encontrado em *al-Qaşr* / Alcácer [do Sal]: um contributo para o seu estudo | António Rafael Carvalho ...110 ▶



Intervenção Arqueológica na Capela do Rosário (Beja) | Miguel Serra e André Gregório ...82 ▶



Uma Taça de Cerâmica Fina Procedente do Convento Franciscano de Santo António de Ferreirim (Lamego) | Javier Larrazabal Galarza ...118 ▶



Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico e Avaliação no Largo Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa | Victor Filipe ...90 ▶

## HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA



Dois *Likes* (👍) de Darwin aos Trabalhos de Carlos Ribeiro: ainda a questão do Homem do Terciário | José M. Brandão ...125 ▶



Novos Dados Acerca do Dique da Ribeira das Naus (Lisboa): vestígios identificados em acompanhamento arqueológico | César Augusto Neves ...99 ▶

## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Travessa das Capuchas (Santarém): silos e espólios trecentistas numa necrópole islâmica - - primeira notícia | Carlos Boavida, Tânia Manuel Casimiro e Telmo Silva ...132 ▶



# uma reflexão sobre a Etimologia do Topónimo do Rio que Passa em *al-Qaṣr* / Alcácer [do Sal]

## de rio *Ṣaadam* / Sadão a rio Sado

António Rafael Carvalho <sup>1</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

O rio Sado, o seu estuário para jusante de Alcácer ou o seu curso sinuoso para montante em direção ao Alto Sado (para Sul de Alvalade), são marcas na paisagem que fazem parte indissociável do património alcacerense. De fato, não é possível entender este território, tanto na sua dinâmica diacrónica como sincrónica, sem falar ou refletir sobre este curso de água. O próprio renascimento da urbe alcacerense, que se tem sentido ultimamente, vai mais uma vez beber uma das suas mais-valias ao rio que por aqui flui. Contudo, vários aspectos ligados a ele permanecem obscuros, a começar pela etimologia do seu nome.

O presente estudo, longe de ser conclusivo, deve ser entendido como mais um contributo que achamos necessário efetuar sobre esta problemática. O que nos moveu a apresentar a nossa tese, reside nos novos elementos que temos vindo a obter no âmbito da renovação da Historiografia Alcacerense em contexto Islâmico que, na nossa perspetiva, permitem ir um pouco mais além neste debate.

De forma a fundamentarmos a nossa leitura, estruturamos o nosso contributo do seguinte modo <sup>1</sup>: após referirmos sumariamente a designação deste *flúmen* em contexto romano, damos início à primeira parte

<sup>1</sup> Assumimos desde já que não é nosso objectivo determinar a hipotética origem do topónimo *Callipus*, atribuído ao Sado no decurso da Antiguidade Clássica, mas sim refletir sobre a origem provável do topónimo que o curso médio do rio vai receber na Idade Média e que vai evoluir até à forma actual.

### RESUMO

Reflexão sobre a origem etimológica do topónimo Sado, uma das questões historiográficas que permanece inconclusiva, ligada à toponímia do Alentejo e, em particular, de Alcácer do Sal. O autor expõe cronologicamente as várias fontes a que teve acesso e reflecte sobre essa informação. Defende a tese de um topónimo gerado no seio da *fi sabil Allāh* (sinónimo de *Ḡihād*) praticada no vale do rio Sado no final do Período Islâmico.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média (islâmico); Toponímia; *Salacia*.

### ABSTRACT

Reflections on the etymological origin of the name *Sado*, a historiographic question as yet unanswered relating to toponymy of the Alentejo and, in this case, Alcácer do Sal. The author describes chronologically the different sources he had access to and reflects on that information. He claims that this name comes from *fi sabil Allāh* (a synonym of *Ḡihād*) practised in the River Sado valley at the end of the Islamic period.

KEY WORDS: Middle ages (Islamic); Toponymy; *Salacia*.

### RÉSUMÉ

Réflexion au sujet de l'origine étymologique du toponyme "*Sado*", une des questions historiographiques qui reste sans réponse, liée à la toponymie de l'Alentejo et, en particulier, d'Alcácer do Sal. L'auteur expose chronologiquement les différentes sources auxquelles il a eu accès et réfléchit à cette information. Il défend la thèse d'un toponyme créé au sein de la *fi sabil Allāh* (synonyme de *Ḡihad*) pratiquée dans la vallée du fleuve Sado à la fin de la Période Islamique.

MOTS CLÉS: Moyen Âge (islamique); Toponymie; *Salacia*.

<sup>1</sup> Gabinete de Arqueologia, Património e Museus da Câmara Municipal de Alcácer do Sal ([antonio.carvalho@cm-alcacerdosal.pt](mailto:antonio.carvalho@cm-alcacerdosal.pt)).



FIG. 1 –  
Bacia hidrográfica  
do Sado.

do estudo, colocando à disposição do leitor um conjunto de textos documentais que mencionam este rio, num percurso diacrónico, desde o Período Islâmico até ao século XIX<sup>2</sup>; de seguida expomos algumas das hipóteses até ao momento efetuadas sobre o tema por outros investigadores, desde meados do século XVIII até ao século XX; no ponto seguinte colocamos a nossa interpretação, argumentando com base nos elementos expostos anteriormente, concluindo em seguida, de forma a justificar a nossa leitura.

## 2. ALGUMAS FONTES DOCUMENTAIS: DO PERÍODO ISLÂMICO ATÉ AO SÉCULO XIX

### 2.1. EM JEITO DE INTRODUÇÃO: O PERÍODO ROMANO

Parece ser consensual em quase todos os investigadores que se têm debruçado sobre o nome do rio que passa em Alcácer do Sal que este, no decurso do Período Romano, teria a denominação de *Callipus*<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Inserimos unicamente os textos que nos pareceram mais relevantes para o presente estudo. Procuramos, dentro das nossas possibilidades, sermos os mais exaustivos possíveis.

Apesar de não termos a certeza absoluta de esta denominação ser aplicada a todo o seu curso fluvial para montante de Salácia, poderemos supor que sim<sup>4</sup>. Contudo, no decurso da Antiguidade Tardia, eventualmente posterior à fase em que *Catobriga*, na foz, se assume como o mais importante porto deste rio, em detrimento de uma Salácia que vai decaindo, o rio muda de nome, adotando doravante a designação de *flúmen Catobriga*, a julgar pelo testemunho deixado no século XII por al-Idrisi quando denomina este rio de *Nahr Šatūbar*<sup>5</sup>.

André de Resende (1498-1573) terá sido um dos primeiros autores a abordar esta questão de uma forma mais crítica, indo buscar a sua fundamentação a Ptolomeu.

<sup>3</sup> Numa linha de investigação que remonta ao século XVI, com grande profusão de estudos que, na sua quase totalidade (os anteriores ao século XX), tendem a seguir uma leitura que remonta a André de Resende. Para os investigadores mais recentes, podemos mencionar, a título de mero exemplo, FARIA (2002: 48) e CARVALHO *et al.* (2004: 17).

<sup>4</sup> A designação *Callipus* poderia eventualmente designar o curso principal deste *flúmen* até um ponto algures entre o Médio e o Alto Sado, partindo-se do pressuposto que a conceção física deste curso fluvial em contexto Medieval e Moderno, que encontramos espelhada na documentação da época, terá sido consequência de uma idêntica linha de interpretação, que poderá remontar ao Período Romano.

<sup>5</sup> Literalmente rio de Setúbal, partindo-se da hipótese que *Šatūbar* é a adoção do topónimo latino *Catobriga* para a língua árabe.



FIG. 2 – Província romana da Lusitânia, com a localização de Salacia e do Calipodis flúmen / rio Sado (JANSSON, 1650: 149-150).

Este facto não passou despercebido a autores posteriores, nomeadamente ARRAIZ (1604: 113), que chegou a afirmar que este “...varão de muyta erudição liurou das treuas da ignorância Euora sua nobre pátria”. Contudo, Resende não está preocupado em determinar a origem etimológica do topónimo Sadão. A sua inquietação consiste em determinar qual teria sido o nome deste curso de água em contexto

romano <sup>6</sup>. Segundo este autor, num texto original em latim da edição de 1593, o rio Sado foi descrito como se reproduz abaixo (na versão latina, com a respetiva tradução portuguesa).

<sup>6</sup> Deixa contudo uma breve descrição deste rio, cujos elementos serão aproveitados por outros autores seus contemporâneos, caso de Duarte Nunes de Leão.

#### DE CALLIPODE

*Callipodis meminit solus Ptolemæus, estq is qui in Cetobrigensem ac Salaciensem sinum ingreditur, ad duodecim millia passuum supra salaciam, onerariis nauigiis et celocibus nauigalis. Nos uulgo Sadanum appellamus. Quod nomen, ut non a fonte, uel ab origine, quasi suum detulit, sed postea quam Examarra, Odiuella, Sancta Detinentia, diuersis ex locis collecta, torrentium ac fluentorum multitudine in amnium iustorum opinionem aucti, et in aluecum unum confluentes, Paulo supra Portum Regium, suis depositis nominibus honorem illi cesserunt, Sadanum vocari cepit, ita nomenid non longe perfert. Sed post sedecim aut paulo amplius milliaria usurpatum amittit. Salaciensia stuario longissimo præoccupatus. Videlicet, ne recens usurpato nomine, Dea Salacia, exqua vrbi nomen, de interitu fluiuiorum trium superbius se iactaret. Familiares huic flumini sunt mugiles, tum cephali, tum labiones, barbi, & anguille egregio sapore. Bocæ quop, & minores alii pisces. Atq vbi sallis intermiscetur vndis cammarorum, pectinumq prouentus ingens. Raro lamperra in eo capiuntur.*

#### O Calípode [tradução segundo RESENDE, 1593]

Só Ptolomeu recorda o Calípode, rio que corre para o golfo de [Cetóbriga] Setúbal e de Alcácer do Sal e que é navegável até cerca de 12.000 passos acima desta cidade, tanto para embarcações ligeiras como para navios de carga. Chamamos-lhe comunmente Sadão. Este nome destronou, por assim dizer, o seu, embora não seja de origem nem dado desde a nascente, mas a partir do local em que o Xarrama, o Odivelas e o Santa Detença, avolumados pela quantidade de torrentes e cursos de água recolhidos de diversos lugares e já verdadeiros rios, se fundem num único leito, um pouco acima de Porto de Rei, onde perdendo os seus nomes lhe cederam a ele a honra. É desde esse ponto que começou a ser designado por Sadão. Também não conserva o nome por muito tempo, pois daí a 16 milhas ou um pouco mais longe perde o nome de que se apropriou ao adiantar-se no enormíssimo estuário já chamado de Salaciense, da qual provém o nome da cidade, de ser o fim de três rios. São familiares a este rio os mugens, quer cabeçudos quer beijudos, os barbos e as enguias de excelente paladar, além das bogas e de outros peixes mais pequenos. E no sitio em que se mistura às águas salgadas é enorme a apanha de camarões e de moluscos. Raramente nele se capturam lampreias.

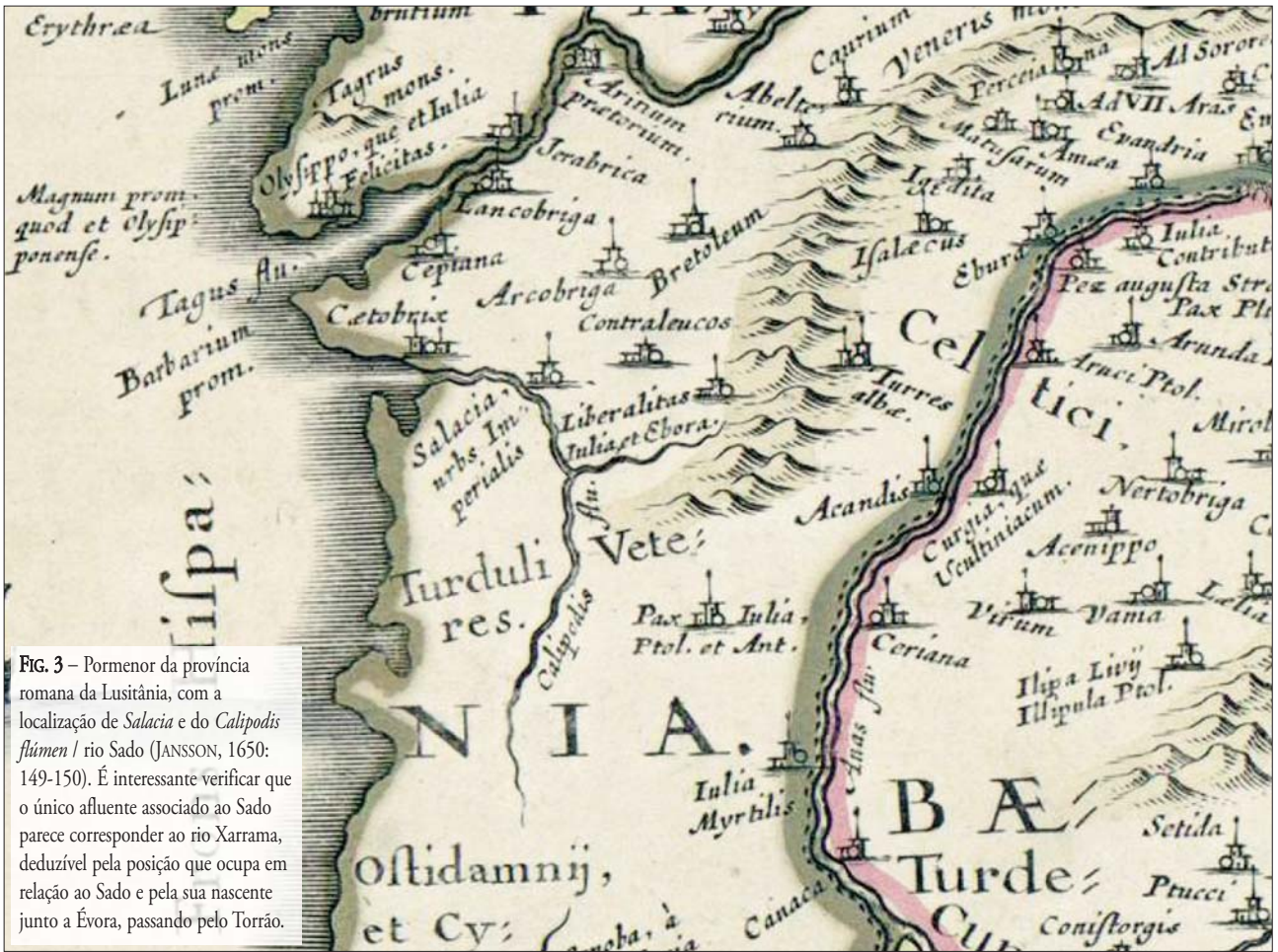


FIG. 3 – Pormenor da província romana da Lusitânia, com a localização de Salacia e do Calipodis flumen / rio Sado (JANSSON, 1650: 149-150). É interessante verificar que o único afluente associado ao Sado parece corresponder ao rio Xarrama, deduzível pela posição que ocupa em relação ao Sado e pela sua nascente junto a Évora, passando pelo Torrão.

Séculos mais tarde, na década de 90 do século XIX, Leite de Vasconcellos, num artigo sobre a presença romana na região de Alcácer do Sal, menciona a dada altura em relação ao rio Sado (VASCONCELLOS, 1895): “O nome do rio vem, quanto a mim, do lat. *Salatus*, através das formas *Salado* e *Saado*, ambas de acordo com as leis da língua portuguesa. É natural que os antigos estabelecessem já relação fonética entre *Salacia*, de *salum*, e *salatus*, de *sal*. Comtudo, como o Sado é extenso, não se pode inferir só d’isto que Alcacer ocupe precisamente o local de *Salacia*”.

## 2.2.O PERÍODO ISLÂMICO (SÉCULOS VIII-XIII)

Localizada numa das extremidades conhecidas do Mundo Islâmico / *Dār al-Islām*, sobre o *Uqiyānus* / Oceano<sup>7</sup>, no local onde o Sol mergulha todos os dias do ano ao início da noite, a *madīna* alcacereense e o território envolvente, incluindo o rio, foram partes integrantes do território conhecido como *Ġarb al-Andalus*, segundo os testemunhos deixados por geógra-

<sup>7</sup> São vários os autores muçulmanos medievais que se debruçaram sobre o oceano Atlântico, insistindo que se tratava de um “*mar das Tormentas*” [*Bahr al-Zulma* (VALLÉ, 1986)]. Para Ibn al-Šabbāt: “*O Al-Andalus está al final del mundo habitado por el oeste, porque confina com el ‘Mar Océano, el Mayor’ (Bahr Uqiyanus al-Azām), tras el qual no hay vida*” (VALLÉ, 1986: 111 e nota n.º 128).

fos e historiadores muçulmanos<sup>8</sup>. De entres esses autores, podemos referir os seguintes<sup>9</sup>:  
 – Ibn Ḥawqal, Abū l-Qāsim b. ‘Alī na-Našībī, nasceu em Nisibe na Alta Mesopotâmia em 331H / 943; perde-se o rasto após este ter efectuado uma viagem para a ilha da Sicília em 362H / 973;

– Ibn Ḥazm, Abū Marwān ‘Alī b. Aḥmad b. Sa‘īd, nasceu em Córdoba em 384H / 994 e morreu em 456H / 1064;

– Ibn Ḥayyān, Abū Marwān Ḥayyān b. Ḥalaf b. Ḥusayn b. Ḥayyān, nasceu em Córdoba, em 377H / 987-8 e morreu em 469H / 1076;

– Yāqūt, Abū ‘Abd Allāh Yāqūt b. ‘Abd Allāh al-Ḥamawī al-Rumī al-Bagdadī, nasceu na Ásia Menor em 575H / 1179 e morreu em Alepo em 626H / 1229;

– al-Idrīsī Abū ‘Abd Allāh Muḥammad b. ‘Abd Allāh b. Idrīs al-Šarīf, nasceu em Ceuta em 493H / 1099 e morreu na Sicília, em 560H / 1165-1166;

– Ibn Al-Abbār Abū ‘Abd Allāh Muḥammad b. ‘Abd Allāh, nasceu em 595H / 1199 em Valencia e morreu em 658H / 1260;

<sup>8</sup> Listas parciais encontram-se em SIDARUS e REI (2001: 37-72), REI (2005: 1-9) e GARCÍA SANJUAN (2009: 2-11).

<sup>9</sup> Seguimos a listagem publicada recentemente num estudo sobre Alcácer do Sal em contexto Almóada (COTTART e CARVALHO, 2010: 191-192).

– al-Ḥimyarī Abū ‘Abd Allāh Muḥammad b. ‘Abd al-Mun‘im, viveu em Marrocos no século XIII;

– Ibn ‘Iḍārī Abū al-‘Abbās Aḥmad b. al-‘Iḍārī al-Marrākuṣī, viveu durante a segunda metade do século VII-XIII até ao VIII-XIV;

– Ibn Abī Zar’ Abū al-‘Abbās Aḥmad al-Fāsī, morreu em Fez, entre 710<sub>H</sub> e 720<sub>H</sub> / 1310-20;

– al-Ayyūbī Abū al-Fidā’ Ismā‘īl b. ‘Alī, nasceu em Damasco, em 672<sub>H</sub> / 1273 e morreu em Hamam em 734<sub>H</sub> / 1334”.

Um dos aspectos peculiares associados a Alcácer, patente desde que é referida na documentação islâmica, prende-se com o fato de esta *madīna* ter recebido diferentes designações toponímicas, que interpretamos como reflexo da complexidade da sua conjuntura política, motivada eventualmente pela mais-valia estratégica como porto oceânico localizado numa linha de costa pouco favorável para este tipo de instalações<sup>10</sup>. Seja como for, estamos perante um percurso de alteração toponímica de que não achamos paralelo no restante *al-Andalus*<sup>11</sup>, e do qual chegaram os seguintes testemunhos<sup>12</sup>:

– *al-Qaṣr*, *Qaṣr Bāja*, *madīnat al-Qaṣr*, *Qaṣr Abī Dānis*, *Qaṣr T.k.rās*<sup>13</sup> [= *Banī Wardās*]<sup>14</sup>, *al-Qaṣr Būdānis*, *al-Qaṣr al-Fath* e, mais raramente, *al-Qaṣr al-Milḥ*, sendo caracterizada da seguinte forma, segundo a leitura exposta recentemente (COTTART e CARVALHO, 2010: 192): “*Cidade do al-Andalus, localizada a Ocidente, pertence à zona rural de Beja (Bāḡa), a dois dias de Évora (Yabūra), na «Baía do Âmbar» (al-Ġūn al’anbarī), o âmbar (‘anbar) existe nas suas cotas (sawāḥil), e entre ela e o oceano há vinte milhas e que entre ela e Silves (Šilb) há quatro dias [de caminho] (marāḥil). Ela é próxima da praça-forte (al-Qaṣr) com a qual*

<sup>10</sup> Referimo-nos, grosso modo, à linha de costa entre a foz do rio Sado e o cabo de Sagres, que corresponde ao actual litoral Alentejano.

<sup>11</sup> A toponímia no *al-Andalus* costuma manter-se constante ao longo dos séculos, sofrendo escassa variação, mais ao nível fonético (ou resultante da transliteração). Podemos citar o caso de Mértola (*Mirtula* ou *Mārtula* - PICARD, 2000: 206). Quando a designação oficial muda, caso, por exemplo, de Faro, podemos detectar quatro designações diferentes – *Uṣṣhūnuba* / *Uksūnuba* e *Shantmariyya al-Garb* (TAHIRI, 2007: 157) e, por fim, *Hārīn* (PICARD, 2000: 190-191). Como poderemos verificar, em Alcácer do Sal estamos perante nove designações diferentes (mantendo em todas elas o nome *Qaṣr*), caso aparentemente único no Ocidente Islâmico.

<sup>12</sup> Dado o interesse que tem para o presente estudo, optámos por seguir de perto alguns elementos expostos no texto apresentado para publicação ao 3º Encontro de História do Alentejo Litoral, em 2010, que aguardamos saia no ano em curso (CARVALHO, no prelo). Estudo este que, por sua vez, adapta os elementos expostos em COTTART e CARVALHO (2010: 191-192).

<sup>13</sup> Segundo a tradução de Yossef Rapoport e Emili Savage-Smith.

<sup>14</sup> Esta última designação também pode ser lida como *Qaṣr Banī Waddās* [ou *Warrās*]. De facto, a leitura deste topónimo, pela primeira vez apresentado por Ibn Ḥawqal no século X (e seguida pelo autor anónimo do “The Book of Curiosities”), apresenta problemas ainda não completamente esclarecidos, dada a ausência de alguns pontos diacríticos e do formato de algumas letras que podem confundir-se entre si. Sobre esta questão, ver novamente COTTART e CARVALHO (2010: 191-192).

existem ligações; é uma cidade fortificada (*madīna ḥaṣīna*), [de tamanho] médio (*mutawassīta*), sobre a margem (*ḍiffa*) de um grande rio (*nahr kabīr*), o rio Sado (*Šatūbar*) onde circulam muitos barcos (*sufun*) e embarcações de passageiros (*marāḥib/sufun as-safāriyya*)... Por causa dos adoradores da Cruz (*‘ibād aṣ-ṣalīb*), houve um combate célebre com os muçulmanos... aconteceu no fim das fronteiras do Islão (*tuḡūr al-Islām*) neste sector...”.

Ibn Ḥawqal, no século X, analisa Alcácer do Sal como *madīna* portuária e dá-nos a conhecer alguns elementos sobre a sua paisagem urbana, demografia, vida, cultura, religião e atividades económicas, cujos elementos inclui no âmbito geral das restantes cidades por ele mencionadas na sua obra geográfica<sup>15</sup>: “*Toutes les villes que j’ai mentionnées comme situées sur le littoral sont des métropoles, peuplées, bondées de ressources, dont tirent vanité les habitants des différentes localités, groupés autour des chaires du pays*” (IBN ḤAWQAL, *Kitāb ṣūrat al-arḍ*, p. 108).

Conclui a sua análise da seguinte forma: “*Toutes les villes que je viens de mentionner sont réputées pour leurs céréales, leurs articles de commerce, leurs vignobles, leurs édifices, leurs marchés, leurs tavernes, leurs bains, leurs caravansérails. Dans leurs belles mosquées on accomplit toutes les prières. Dans l’Espagne toute entière on ne trouve pas une seule mosquée délabrée. Les cités rivalisent entre elles par leur emplacement, leurs impôts et leurs revenus, leurs préfets et leurs juges, les fonctionnaires chargés des services d’espionnage, qu’on appelle mukhallif. Il n’y a pas une ville qui ne soit bien peuplée, qui ne soit entourée d’un vaste district rural, ou plutôt de toute une province, avec de nombreux villages et des laboureurs, jouissant de prospérité, possédant du grand et du petit bétail, un bon outillage et des bêtes de charge et des champs. Leurs terres sont ou bien arrosées par la pluie et donnent une belle levée au printemps, ou bien par des canalisations admirablement entretenues et d’un réseau parfait*” (IBN ḤAWQAL, *Kitāb ṣūrat al-arḍ*, p. 115).

Quanto à denominação toponímica do rio que passa por *al-Qaṣr*, o geógrafo al-Idrīsī, refere no seu texto sobre este território<sup>16</sup>: “*Alcácer (al-Qaṣr) é uma cidade bonita, de grandeza média, banhada pelas águas do Nahr Šatūbar (rio de Setúbal / rio Sado), grande rio que é navegado por grande número de embarcações e navios destinados às viagens. Todo o território em volta da cidade está coberto de floresta de pinheiros, donde se extrai madeira para a construção naval. A região é fértil em produção de alimentos e é abundante em leite, manteiga, mel e carne. [...] Da cidade ao oceano, vinte milhas; e a Évora, dois dias*”.

<sup>15</sup> Optámos por transcrever os elementos que achamos mais relevantes, porque estamos perante uma obra geográfica importante para a nossa região e temos consciência que o acesso a ela não é fácil.

<sup>16</sup> Tradução livre efectuada do francês do texto existente em Idrisi - *La Première Géographie de l’Occident* (BRESCH e NEF, 1999: 263-264). Ver também CARVALHO et al., 2004: 29.

Perante este texto, ficamos a saber que Alcácer mantinha nos séculos XI-XII o estatuto de cidade, alimentando o seu poderio económico e projecção regional como estrutura portuária aberta ao Atlântico, mas também utilizava o curso do Médio Sado para ter acesso ao interior Alentejano, realçando-se provavelmente uma ligação especial com a cidade de Évora.

Quanto ao rio, este recebe o nome de *Šatūbar* / Setúbal, o que nos parece um paradoxo, dada a pouca importância que a povoação da foz do Sado teria nessa época. Defendemos, por essa razão, que estamos perante uma referência documental que, segundo os elementos disponíveis (tanto os de natureza arqueológica como textual), não traduz a importância portuária de Setúbal nesse período<sup>17</sup> em relação a Alcácer, mas sim testemunha o nome do rio num contexto ulterior, provavelmente remontando ao século VIII, aquando da conquista islâmica e anexação deste território ao califado Omíada de Damasco.

Sobre esta questão convém reuçar novamente até às vésperas da conquista islâmica e refletir sobre um texto elaborado em Itália em meados do século VII (638-678)<sup>18</sup>. Segundo essa fonte italiana, que descreve o único itinerário em território português, menciona-se a existência de um conjunto de povoações no percurso entre Ceuta e Braga, cuja listagem expomos de seguida:

“43. *Item super fretum Septem sunt civitates, ide est.*  
1. *Bepsipon.* 2. *Merifabion.* 3. *Caditana.* [falta o nº 4]. 5. *Asta.* 6. *Serpa.* 7. *Pace Iulia.* 8. *Mirtilin.* 9. *Besurin.* 10. *Balsa.* 11. *Stacio sacra.* 12. *Ossonoba.* 13. *Arani.* 14. *Salatia.* 15. *Ebora.* 16. *Malabiste.* 17. *Celiana.* 18. *Cetobricca.* 19. *Abona.* 1. *Olisipona.* 2. *Terebrica.* 3. *Langobriga.* 4. *Ceno opido.* 5. *Celo.* 6. *Augusta Bracaria*”.

Nesta listagem indica-se um conjunto de lugares povoados junto ao rio Sado, caso de *Salatia* (Alcácer do Sal), *Malabiste* (eventualmente Marateca), assim como *Celiana* (localização problemática) e, por fim, *Cetobriga* (Setúbal). O facto de o rio ser referido por al-Idrīsī como *Šatūbar* permite fazer uma ligação com a estrutura portuária denominada *Cetobriga*, pelo que admitimos que o rio em contexto visigótico teria eventualmente essa denominação, que se manteria em contexto islâmico após a conquista, eventualmente até 229H / 844, data do primeiro ataque vikingue a esta costa.

A perpetuação deste topónimo em termos de memória coletiva, a ponto de ter sobrevivido até ao contexto almorávida (eventualmente num meio mais intelectual), talvez tenha sido um legado cultural ligado à região, promovido nos meios eclesiásticos moçárabes de Lisboa.

Por fim, importa mencionar que al-Idrīsī alude à sua presença em Lisboa, pelo que presumimos ter um conhecimento atualizado sobre um território que provavelmente incluía Alcácer, pelo que a sua opção de utilizar um topónimo já ultrapassado denota intenções ainda difíceis de compreender.

A somar tudo isto, al-Idrīsī indica a existência em Alcácer de construção naval, assim como de uma estrutura portuária adaptada a receber navios que entram no estuário sadino provenientes do oceano Atlântico. No estuário deambulava um leque de pequenas embarcações, que deste modo tinham acesso aos esteiros e praias fluviais.

### 2.3. PERÍODO MEDIEVAL CRISTÃO

Após a expugnação definitiva de Alcácer, em 614H / 1217, grande parte da toponímia pré-existente terá sido mantida, a começar pelo nome da *madīna* conquistada<sup>19</sup>, assim como a denominação do rio e de alguns dos principais afluentes – caso do Odego<sup>20</sup>, que se mantém até finais do século XVIII, ou da ribeira de Alfebre.

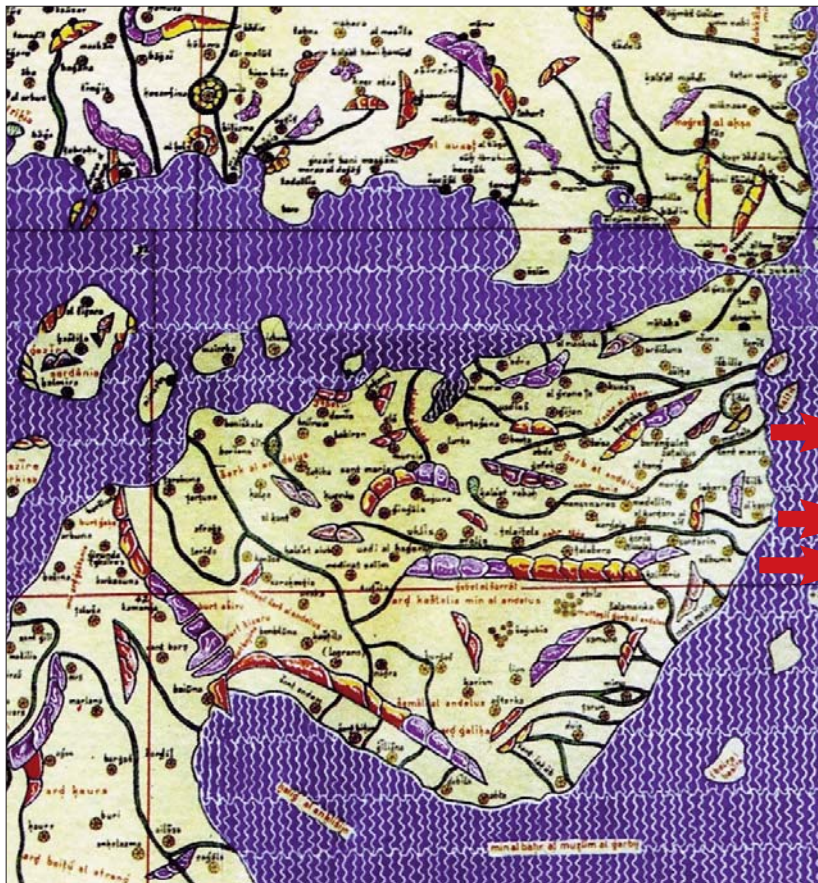
Em relação à hidrotponímia, vemos o primeiro caso num documento da chancelaria de D. Afonso III (VENTURA e OLIVEIRA, 2011: 241), referente a um acordo entre o soberano e a Ordem de Santiago, datado de Fevereiro de 1274 (sobre a divisão dos direitos relativos aos bens transportados pelos barcos para entrarem e saírem pela foz do rio de Alcácer). Nele o rio Sado é designado como o “... *rio que vem de Alcaçar aa foz de Palmela e de Setuval...*”, recebendo pouco depois no mesmo documento a designação de “... *rio d’Alcaçar*”<sup>21</sup>.

Deste modo, a designação “rio de Alcácer”, que vai manter-se grosso modo na documentação portuguesa até ao século XVI<sup>22</sup>, diz só respeito ao troço fluvial entre Alcácer e a foz no oceano. No Médio Sado, para montante de vale

<sup>19</sup> Algumas elites eclesiásticas que frequentavam a corte dos primeiros soberanos portugueses tinham conhecimento de que o nome romano de Alcácer tinha sido *Salacia*. Por razões que podemos conjecturar, decidiram herdar o nome árabe, adaptando-o à fonética da língua portuguesa. Deste modo, *al-Qaṣr* (entendido na conceção cristã como estando ligado ao exercício do poder político), transformou-se em *Alcaçar* / Alcácer, enquanto a palavra *al-Fath* (a Vitória no seio de *Allāh*), de claras conotações no âmbito da *Ġihād* almóada, vai ser abolida mas não esquecida. Numa obra publicada em 1626, Frey Luis dos Anjos (*Jardim de Portugal*: 59) tece alguns comentários sobre o significado da palavra Alcácer, onde a dada altura diz que alguns autores (que não cita) afirmam: “...outros dizem, que *alcaçar* he nome Arabigo, & significa casa de Deus”. Esta explicação não traduz o significado de *al-Qaṣr*, mas poderá estar ligada ao sentido que terá tido para os seguidores do *tawhīd*, a última denominação oficial desta medina – *Qaṣr al-Fath*, designada deste modo por ordem do califa almóada Abū Yūsuf Yā’qūb al-Manṣūr, em 587H / 1191.

<sup>20</sup> Odego resulta da junção de uma palavra árabe (*wādī*), com outra de raiz mais obscura. Podemos conjecturar que será de origem pré-islâmica. Actualmente, a ribeira é denominada de Santa Catarina e, mais para montante, de ribeira das Alcáçovas.

<sup>21</sup> Esta persistência toponímica pode identificar-se ao longo da recolha documental medieval alusiva à Ordem de Santiago, efectuada em 1484 por ordem de D. João II (in AAVV, 2006).



Nomes atuais dos rios:

Rio Guadiana

Rio Sado

Rio Tejo

FIG. 4 – O mapa da Península Ibérica segundo al-Idrisi (século XII).

de Guizo até Santa Margarida do Sadão, mantém uma outra denominação – rio ou ribeira de *Çaadam*.

De momento, o registo mais recuado a que tivemos acesso, referente a este último topónimo, encontra-se na chancelaria de D. João I. Datado do ano de 1388 (BAIÃO, 1915: 6), nele se diz: “... querendo fazer graça e merce a Gonçalo lonrenço scripvam do nossa camara [de D. João I] por muito serviço que delle recebemos temos por bem e coutamos lhe huu seu lugar e herdade que elle há na ribeira de çaadam termo dalcacer assy como parte com herdade da qujtaa que foe de gonçallo anes pimetel e com herdade de pero vivas e de Joham martins raposo e per a dita ribeira de çaadam e per outras divisões por onde de direito deve partir. E porem mandamos e defendemos que nom seia nenhuu atam ousado que lhe na dicta sua herdade entre a nacer as hervas com bestas ne com...”

## 2.4. DESDE O PERÍODO MODERNO ATÉ AO SÉCULO XVIII

### 2.4.1. Século XVI

Esta dualidade toponímica para designar o rio Sado vai manter-se até muito depois do século XVI. Tal facto encontra-se patente numa *Carta de Regimento sobre Montarias*, da Chancelaria de Felipe I de Portugal, efetuado por Pedro de Seixas em Lisboa, com data de Junho

de 1594<sup>23</sup>, mas que sofreu uma atualização no reinado seguinte<sup>24</sup>. Vemos deste modo como era entendido o rio Sado do ponto de vista legislativo, onde é patente uma divisão entre Ribeira do Sadão e o rio de Alcácer (SILVA, 1854: 123): “Toda a Ribeira de Sadão, de uma e outra parte<sup>25</sup>, tem muita madeira de sovaro, e carvalhos, freixos, e ulmos, que para minhas Armadas convem guardarem-se, por ficar mui perto do Porto d’El Rei, e do Rio de Alcacere”. Esta mesma conceção geográfica persiste num outro conjunto documental do reinado de Felipe II de Portugal, datado de 1611, desta vez alusivo a todas as rendas e propriedades que o monarca tinha na Coroa de Portugal. No que diz respeito ao rio Sado, é mencionado o seguinte, no capítulo referente às Comendas da Ordem de Santiago no Arcebispado de Évora (FALCÃO, 1859: 255-256): a Comenda de Nossa Senhora dos Mártires possuía “... na Ribeira de Sadão o dizimo e foro de hũa erdade cha-

<sup>22</sup> Se na documentação textual o nome que aparece é sempre “rio de Alcácer”, nalguns mapas de finais do século XVI e inícios do seguinte, aparece por vezes a designação de “rio de Palma”, alusivo à aldeia com o mesmo nome que se localiza na ribeira homónima, afluente do rio Sado, a meio caminho entre Setúbal e Alcácer.

<sup>23</sup> Que depois mandou distribuir para todo o Reino, sendo depositada nas câmaras municipais.

<sup>24</sup> Efectuado por João Pereira de Castello-Branco em Lisboa, a 20 de Março de 1605, e depois em nome de El-Rei, por Manuel Gonçalves da Câmara.

<sup>25</sup> Incluindo, por essa razão, parcelas significativas dos Termos de Alcácer e do Torrão.

*mada Alpossol [...] O mestre Dom Jorge anexou a esta Comenda o dizimo de duas erdades da Ribeira de Sadão que erão da sua mesa mestral chamada hũa a Callema, outra as Peçanhas...*

Em relação às restantes comendas existentes no termo de Alcácer, são mencionadas as seguintes: “A Comenda de Benagazil no termo da dita villa. He hum Reguengo na Ribeira de Sadão, de que se paga ao comendador o dizimo de todo o pão e meussas e nas terras da Varzea o trigo de todo o pão, e das terras de fora o quarto, e assi da Palha e Pitanças. Comendador Dom Manoel de Lencastre. Rende .....300\$000. Avaliada em 250\$000. [...] A Comenda da Erdade do Rio de moynhos no cabo da Ribeira de Sadão, termo da dita villa [Alcácer do Sal]. [...] A Comenda da Erdade da onzena na Ribeira de Sadão”.

#### 2.4.2. Século XVII

No final do século XVI e na primeira metade do século XVII, coincidindo com a governação dos primeiros reis Filipinos, assiste-se por parte de autores portugueses a uma produção corográfica e cronística, aonde podemos vislumbrar as primeiras reflexões do que é ser português, por oposição ao resto da Hispânia. Podemos citar, no âmbito deste estudo, autores como Duarte Nunes de Leão ou Amador Arraes. Este último (ARRAIZ, 1604: 113), seguindo de perto o trabalho de André de Rezende, quando se debruça sobre Alcácer do Sal afirma: “Alcaçer do sal se chamava Salacia, & tinha por sobre nome, Vrbs imperialia; esta sobre o rio Sadão, que os romanos chamaram Chalibs, & Ptolomeo Celipus”.

Apesar de ser consensual para os autores consultados (desde o Período Moderno até ao século XVIII) que o topónimo Sadão correspondia ao troço fluvial inserido no curso médio, entre o Porto de El-Rey e Santa Margarida do Sadão<sup>26</sup>, outros incluem o troço mais para jusante de Porto de El-Rey, até Vale de Guizão / Guiso.

Num apontamento mais esporádico, outros cronistas incluem este hidrotópónimo mais para o montante de Santa Margarida, até ao Alto Sado, como é o caso de Leão de Santo Tomás. Por razões que desconhecemos, este autor denomina um troço do Alto Sado, junto a Panoias (concelho de Ourique), como rio Sadão. Essa referência vem no seu estudo sobre a História do Mosteiro de S. Romão de Panoias (TOMÁS, 1644): “Capitulo VIII. Do Mosteyro de S. Romão de Panoyas. Entre os lugares vezinhos da Villa de Ourique, há outra chamada Panoyas, ambas da Correyção da Cidade de Beja. Nesta Villa de Panoyas, ou junto della asteve hũ Mosteyro nosso antigo fundado pelo Abbade S. Romano, que escolheo este lugar pera deposito de seu corpo. [...] ...veyo a morrer naquelas partes de Ourique, & na Villa de panoyas são mais estimadas, & veneradas duas reliquias. Tudo isto nos deixou escrito S. Maximo em sua Historia nas palavras seguin-

<sup>26</sup> Aludindo-se a um centro geográfico que, grosso modo, insere-se entre São Romão do Sadão e a Herdade da Salema (antigo Porto da Areia), incluindo a foz do rio Xarrama.

*tes. Sanctus Romanus Abbas, Sácti Lupicini Frater, nasione Gallus, veniens ad Hispanias, aliqua Monasteria condidis, moriturq; in agro Auriensi in Lusitania, oppidoq; Pannonijs. Eius corpus in pretio habetur, & honoratur. Foy o trásito de S. Romão pelos anos de Christo 565 pouco mais ou menos, seu corpo se conserua ainda em hũa Ermida no mesmo sitio antigo ao longo do rio Sadão, hũa legoa abaixo da Villa de panoyas, & a cabeça do santo esta na matris da dita Villa estimada com grande veneração, & resplandecendo cõ muitos milagres”.*

#### 2.4.3. Século XVIII

O Padre Carvalho da COSTA (1712), a propósito da descrição do termo de Grândola, quando se debruça sobre a ribeira que aí passa para ir desaguar ao rio Sado, escreveu: “He este termo regado de muytas águas nativas, aonde há qutorze moynhos contínuos, & cinco pizoens, aos quaes acode todo o paõ do campo de Ourique, Beja, & seus arredores a moer, & a pisoar os panos, servindo as ditas águas de regar muytas terras, que se fazem fructíferas de muytos milhos, legumes, & frutas de melões, melancias, & outras mais; tem muytos môtados de sobro, azinho, & Carvalho; cõ estas águas se mantem, & sustenta a corrente do rio Sadaõ todo anno, alcançando parte do dito rio no celebre pego de Gracia Menino, aonde se matõ aquellas celebres tainhas do rio Sadaõ em todo o tempo do anno, a que chamaõ de boca vermelha, & outra muyta casta de peyxes, como sam saveis, barbos, bordillos, pardellos, pardelhas, & bogas, de que se toma quantidade no tempo de Inverno, subindo com as enchentes este pescado miúdo pelos regatos aos mais altos montes da serra, servindo de sustento aos moradores, & de recreavel defensado, a pesca deles”.

Para João Baptista de CASTRO (1745). “[O]... Sadaõ, ou Sado. Duarte Nunes na Descrição de Portugal ignorou-lhe o nascimento; porém a verdade he que ele nasce nos confins do Algarve, donde caminhando augmentado com outros reachos, chega a Alcácer do Sal, e vay fenecer, e formar a foz de Setuval. Os Authores Latinos lhe daõ vários nomes, que ajuntou Bluteau no Vocabulario”.

É interessante verificar que Luiz CARDOSO (1747), no seu *Dicionário Geográfico*, por vezes chame ao rio simplesmente Sado ou então Sadão. A propósito da Algodeia (Setúbal), afirma que esta ribeira “entra no rio Sado”. O mesmo escreveu em relação ao rio Aderneira: “Rio na Provincia do Alentejo, Arcebispado de Evora, Comarca da Cidade de Beja, Termo da Villa de Beringel [aonde nasce]. Toma o nome de Aderneira perto do Lugar de Alfundão, duas léguas de sua fonte, trazendo até alli o de rio Gallego. [...], morre no rio Sado em Algeda...”

No âmbito das romarias setecentistas ao santuário do convento da Senhora da Esperança, na serra das Alcáçovas, CARDOSO (1747: 142) apresenta uma lista curiosa, onde se determina para os moradores dos municípios do Torrão e de Alcácer do Sal o seguinte calendário: “Os moradores da Villa do Torraõ em dia da Senhora dos Prazeres. [...] e nas suas Oitavas [referente ao Espírito Santo] os moradores da Ribeira do Sado, de Palma, e Sitimos do Termo de Alcaçer”. Contudo, na descrição



da ribeira de Alvalade (CARDOSO, 1747: 380), refere que o curso de água “... vay morrer na ribeira de Sado, ou Sadão”.

Segundo NIZA (1768: 189), “Sadão, freguezia no Arcebispado de Evora, tem por Orago S. Romão, o Paroco he Capellão Cura da apresentação de ElRei pelo Tribunal da Meza da Consciencia, rende três moios de trigo, moio e meio de cevada, e dez mil reis em dinheiro: dista de Lisboa quinze léguas, e de Evora nove, tem duzentos e noventa fogos”.

“S. Mamede [...] freguezia no Arcebispado de Evora, tem por Orago o mesmo Santo, o Paroco he Capellão Curado apresentado por ElRei pelo Tribunal da Meza da Consciencia, rende três moios de trigo, moio e meio de cevada, e dez mil reis em dinheiro: dista de Lisboa dezoito léguas, e de Evora dez, tem setenta e dous vizinhos” (NIZA, 1768: 9).

“Santa Margarida do Rio Sadão [...] freguesia no Arcebispado de Evora, tem Orago a mesma Santa, o Paroco he Cura da apresentação da Mitra,

FIG. 5 – A bacia hidrográfica do rio Sadão (Sado) na província do Alentejo, segundo um mapa espanhol de 1790, efectuado por Tomás López.

rende três moios de trigo, e cinquenta alqueires de cevada: dista de Lisboa dezeseite léguas, e de Evora dez, tem cento e trinta e seis moradores” (NIZA, 1768: 13).

Para FLORES (1782: 42), o “rio Calipos (Hoy Sadao)” [...] recorriendo Ptolomeo las costas de Lusitania desde el sacro Promontorio ácia el Tajo, dá el nombre de Calipos al rio que por allí desagua en el Oceano. Este precisamente debe ser el que corre de Mediodia à Norte, bajando desde las Sierras de l Algarve (casi en medio del mar y de Alcoutin) hasta Alcaccer do Sal, y Setubal, por donde entra en el mar: pues se puede decir único, por no haver en toda aquella costa otro que á su vista tenga nom-

*bre, ni caudal. Hoy se llama Sadao, cuya voz no la recibe en el origen, sino depues de tener ya cuerpo, compuesto de la confluencia de otros pequeños ríos”.*

#### 2.4.4. Século XIX

Em finais do século XVIII, mas numa obra publicada no início do século XIX, LINK (1767-1851: nota da p. 156) tece um comentário interessante sobre o rio Sado, onde a dada altura afirma: “O enorme golfo é a foz do rio, foz essa onde de modo algum este entra de lado. Um braço estreito vai em direcção a Comporta que se encontra do lado oeste do golfo, de maneira nenhuma do lado leste. Escrevo Sado apesar de nos manuais geográficos, seguidos por Murphy e outros, se encontrar Sadão ou Cadão. Foi-nos dito muito claramente que na desembocadura o rio se chama Sado e que mais acima se chama Sadão”.

O *Jornal de Coimbra* (AAVV, 1817) escrevia: “(38) V. 184. – Alcaçar do sal é o Deposito de grande parte dos objectos d’importação, e exportação do Commercio d’Alémtejo, e ainda da Estremadura Hespanhola. De Alcaçar até Setubal navega-se pelo Rio Sadão. Em Aviso Régio de 7 de Junho de 1811 expedirão-se Ordens a respeito d’um canal, que se-formasse entre Setubal, e Lisboa, o qual servisse de fosso militar; que fosse navegável com segurança, e sem interrupção”<sup>27</sup>.

Noutra publicação (SILVEIRA *et al.*, 1849-1850), a propósito do “Projecto de excavação nas ruínas da antiga Cetobriga, Hoje Troia.

Debaixo da Protecção de sua Magestade el-Rei o Senhor D. Fernando”, menciona-se a dada altura: “Na margem esquerda do Sadão (antigamente Calipo), e desde a foz do mesmo até ao logar da Comporta, corre uma faixa de terra, que tem três léguas de comprimento, e duas até três milhas de largura, banhada ao sul pelas águas da enseada de Sines, e ao norte pelas do Sadão...”

Num relatório acerca da Arborização Geral de Portugal, coordenado por Filipe FOLQUE (1868: 72), podemos ler na parte correspondente ao rio Sado: “O Sado, diz o engenheiro geógrafo Miranda Pego, nas cheias sae muito do seu leito, deixando depois algumas águas estagnadas, por não poderem recolher ao leito do rio, não tendo valas de esgoto para esse fim; o que torna muito doentias todas as povoações chamadas da ribeira de Sadão, que são: Santa-Margarida-do-Sadão, S.-Mamede, S.-Romão-do-Sadão, Porto-de-El-Rei, Valle-de-Guizo e a própria villa de Alcácer...”

<sup>27</sup> Trata-se de um projeto nunca efectuado, que consistia na construção de um canal de ligação entre os estuários dos rios Sado e Tejo, aberto entre a Marateca e Rio Frio.

### 3. O SADÃO: ALGUMAS DAS HIPÓTESES ATÉ AO MOMENTO FORMULADAS

A investigação sobre a origem deste hidrotopónimo, com base nos testemunhos medievais mais recuados para o Baixo e Médio Sado, nunca mereceu a atenção que, julgamos, deveria ter tido. O próprio VASCONCELLOS (1980: 502), em obra publicada anteriormente, em 1890, reconhecia dificuldades neste estudo. Segundo ele, a referência mais antiga aparece num documento da chancelaria de D. João I, datado de 1388 (BAIÃO, 1915: 6). Depois, tece alguns comentários a David Lopes, sobre a questão do acento na referida palavra, passando pouco depois a mencionar outros autores, nomeadamente o Fr. António Brandão, Filipe Folque e João Bautista de Castro, constatando, por fim, que o rio tinha sistematicamente duas denominações – “Sadão para montante de Alcácer e rio de Alcácer/Sado para jusante da mesma cidade”.

Seja como for, chega à conclusão de que este nome, Sadão, é de “origem obscura”, dando o seguinte testemunho: “Quanto a Sado, parece que o povo, em época mais moderna, viu em Sadão (nome de origem obscura) um aumentativo, e d’ele deduziu a moderna forma”.

Anos mais tarde, AZEVEDO (1937: 61) debruça-se sobre esta matéria. Para ele, o topónimo Sadão teria provavelmente derivado do antropónimo *Zahadon* ou *Zaadon*, que aparece algumas vezes em documentos de Coimbra do século X, pelo que defende uma idêntica origem da evolução Sado e Sadão, usando como exemplo o caso de Sátão (*Çaatan*). Em relação ao nosso rio Sado, alude à existência documental da palavra *Çadaaõ* em 1459, e de *Çadam* em 1476. Por fim, defende a adoção do nome Sadão que, segundo ele, vai evoluir para Sado no troço fluvial para jusante de Alcácer do Sal, como consequência do crescente desenvolvimento do porto de Setúbal à custa da decadência progressiva de Alcácer do Sal.

### 4. EM JEITO DE CONCLUSÃO

Após este extenso percurso diacrónico, desde o Período Romano até ao século XIX, onde foi possível registar a evolução toponímica do rio Sado ao longo dos séculos, fica no ar a constatação de que o significado etimológico do topónimo

*Çadam* / Sadão é de origem obscura e sem solução à vista<sup>28</sup>.

Como foi exposto anteriormente, em contexto Romano o rio tinha a designação de *Callipus*. No decurso da Antiguidade Tardia, essa

denominação parece desaparecer, sendo substituída por *flúmen de Cetobriga*, a fazer fé no testemunho de al-Idrísí, no século XII, quando o denomina de *nahr Šatūbar* (rio de Setúbal).

<sup>28</sup> Tal acontece se cingirmos unicamente a nossa análise numa metodologia que privilegie a visão portuguesa de aquisição deste território, deixando de lado o legado islâmico.

Após a conquista Islâmica, com o crescente desenvolvimento de Alcácer, em contraste com uma foz do rio Sado vulnerável aos ataques víquingues e sujeita a uma crescente erosão económica e esvaziamento demográfico, a denominação do rio volta a mudar. Cai em desuso a designação de *nahr Šatūbar* e consolida-se a denominação de *nahr Būdānis*, ou simplesmente *nahr al-Qaṣr* (rio de Alcácer).

Depois da expugnação definitiva de Alcácer, em 1217, vai ser esse o nome que aparece na documentação. Infelizmente, não temos nenhum registo documental para o troço do rio a montante do porto alcacerense. O que sabemos é que esse topónimo, rio *Çaadam*, já existia no século XIV, pelo que estamos perante um nome que nada tem a ver com Alcácer e que poderá não refletir, em termos de toponímia, a história do rio para jusante de Vale de Guizo.

*Çaadam* é para nós um topónimo que reflete a história do Médio Sado, referente a um período histórico difícil de determinar com certezas, mas que é claramente anterior ao século XIV. Dada a consolidação posterior deste topónimo, que sofre uma evolução para Sadão, parece-nos pacífico aceitar que o mesmo terá acontecido anteriormente. Assim sendo, qual a sua origem?

Um topónimo por norma fixa na paisagem um acontecimento histórico relevante para a comunidade humana que nele habita. Outras vezes é imposto contra a sua vontade, por decisões que escapam ao seu domínio e quase sempre ligadas aos poderes políticos exteriores a ele, em virtude de conquista (que pode tomar várias formas, nomeadamente a política ou religiosa). Noutros casos resulta de um nome que ganha força de tradição, que se assume como natural e resiste à erosão do tempo, chegando a um ponto em que o seu significado inicial se perde ou mescla em mecanismos explicativos que adulteram o significado original.

*Çaadam* parece-nos ser um daqueles topónimos que se enraíza num dado território que se assume em oposição a outros seus vizinhos, caso de Alcácer ou do Torrão. Por essa razão, a geografia onde se insere, o vale do Médio Sado, ajuda a explicar a sua hipotética origem, desde que lhe seja associada a dinâmica histórica desse território<sup>29</sup>. Iremos ver por que razão este último ponto de análise é importante para fundamentar a nossa argumentação.

O vale do Médio Sado é sem dúvida um território paradigmático, onde existe<sup>30</sup> um contraste gritante entre o registo documental arqueológico e o textual<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Se bem que alguns topónimos de origem romana tenham sobrevivido no Sul de Portugal, grande parte do legado que vai chegar até ao século XIII é de origem islâmica. Apesar de novos contributos de origem exógena que se consolidaram na paisagem rural a Sul do rio Tejo, muito desse legado islâmico foi mantido, sofrendo uma necessária adaptação à fonética portuguesa.

<sup>30</sup> É este o panorama actual e existem razões claras para explicar a situação. Esperamos abordar esta questão em futuros estudos.

<sup>31</sup> Não podemos usar como exemplo o Período Romano, porque na Lusitânia persiste um fosso entre a riqueza da documentação arqueológica, face a um registo lacónico no âmbito documental textual para os séculos posteriores à conquista Romana.

Tomemos como exemplo a Idade Média. Autores muçulmanos como al-Idrīsī mencionam a existência no território alcacerense de uma navegação intensa no estuário e no rio Sado. Essa informação, se bem que lacónica, permite aceitar a existência de um povoamento rural de época Islâmica de certa importância, que infelizmente não tem igual correspondência no registo arqueológico conhecido.

Esta mesma situação pode observar-se para o período pós-conquista. De facto, perante um registo documental interessante, que coloca na paisagem do Médio Sado um conjunto significativo de casais agrícolas, herdades e exploração de recursos, desde o século XIV, poderíamos pensar que seria fácil encontrar esses vestígios no âmbito da Arqueologia. Infelizmente, do ponto de vista do Medievalista, a documentação Arqueológica que predomina no Médio Sado é quase nula para a Idade Média<sup>32</sup>. O que predomina é um largo espectro cronológico, com início na Pré-História e que termina no Período Romano. Fazendo o contraponto entre a documentação Cristã, que é clara no que diz respeito ao povoamento rural no Médio Sado<sup>33</sup>, e o vazio patente na documentação arqueológica, é possível, com os devidos cuidados, valorizar o contributo da documentação Medieval para os períodos antecedentes, independentemente da sua natureza documental. Queremos com isto dizer que podemos aceitar a presença de comunidades rurais dispersas neste território durante episódios concretos do Período Islâmico. Friamos “episódios concretos”, porque partimos do princípio que a palavra *Çaadam* evoluiu da palavra *Šahada*, que quer dizer Mártires. Chegamos a esta hipótese pela semelhança fonética que parece existir entre as palavras árabe e portuguesa, associadas a um rio que atravessa um vasto território de fronteira / *taḡr*, onde se digladiaram cristãos e muçulmanos por mais de um século.

Contudo, o seu significado tem mais sentido no seio do Califado *al-Muwahhidūn* / Almóada. Vamos ver porquê<sup>34</sup>.

A *Šahada* ou *Šuhadā'* é o plural da palavra *Shahīd* que, por sua vez, significa literalmente “testemunha” (KOHLBERG, 1997: 203-207). Porém, o seu significado como “Mártir” aparece em várias *Sūras* do Corão / *Qur'ān* na perspetiva de vários arabistas.

Tomemos como exemplo a *Šūrat* III, 140, onde se encontra escrito que: “*So that God may know those who believe and may take shuhadā' from among you*” (KOHLBERG, 1997: 204).

<sup>32</sup> Verificamos a existência de um vazio arqueológico, só interrompido a partir dos séculos XVIII-XIX, data da maior parte das construções rurais ainda existentes na região. Como já foi referido anteriormente, existem razões que permitem explicar esta discrepância.

<sup>33</sup> E sujeita a uma apertada vigilância por parte dos vários poderes com diferentes níveis de jurisdição sobre o território Alcacerense: o Rei, a Ordem de Santiago e o Bispo de Évora.

<sup>34</sup> Temos em preparação um estudo mais aprofundado sobre a questão do Martírio no contexto almóada de Alcácer. Por isso, iremos só aflorar os aspectos mais relevantes, remetendo para esse estudo a restante argumentação, não exposta de momento.

Apesar de, no seio do Islão Sunita, os Mártires serem todos aqueles que morrem nas mãos de outros pela sua Fé, havia uma conceção mais rigorosa na *al-Andalus* sobre quem podia ascender a esta categoria. O requisito principal preconizava que teria que ser morto no decurso do “*fi sabil Allāh*” / Caminho de Deus (PENELAS, 2004: 451-475).

Parece consensual que a guerra na região de Alcácer, no decurso dos séculos XII e XIII, terá feito imensos mártires no seio da população muçulmana<sup>35</sup>. Contudo, o registo cristão que nos chegou desses mártires ignora as vítimas muçulmanas, mas realça as mortes ocorridas no seio das tropas portuguesas e cruzadas presentes nos eventos bélicos. Pouco depois era erigido (sobre um espaço muçulmano entretanto purificado) um santuário com a evocação a Santa Maria dos Mártires<sup>36</sup>.


Face a este cenário, onde é patente na memória cristã a ausência de mártires muçulmanos, teremos pois que analisar outras fontes a fim de identificar quem foram os *Shuhadā* que morreram no decurso do *fi sabil Allāh*, e permitiram a sacralização do território do Médio Sado no seio do aparelho ideológico do califado *al-Muwaḥḥidūn*. Para equacionarmos de forma adequada esta questão, importa analisar dois

<sup>35</sup> Dois enterramentos muçulmanos, que podemos considerar como *shahada*, foram exumados em 2003 no decurso de obras de consolidação da muralha Norte do Castelo de Alcácer do Sal (CARVALHO *et al.*, 2004: 89-90).

<sup>36</sup> Que, em pleno século XXI, se mantém como santuário de devoção em Alcácer, com o nome de Senhor dos Mártires.

aspectos que julgamos importantes e já foram objeto de reflexão noutros trabalhos<sup>37</sup>:

– “*Por um lado equacionar se estes Shuhadā estão ligados ao martírio do califa Abū Ya‘qūb Yūsuf, que segundo Ibn ‘Idāri, foi ferido de morte em Santarém (580H / 1184), vindo a falecer algures no caminho de Beja, alguns quilómetros para Sul do Torrão do Alentejo; – A segunda hipótese, que poderá ter permitido a perpetuação desta memória sagrada dos seguidores do Tawhīd no seio dos seguidores da Santíssima Trindade que após a conquista de Alcácer vão dar início à ocupação definitiva deste território, reside nos 18 anos de acontecimentos que terão ocorrido, entre 1217 (expugnação de Alcácer) e 1234 (conquista de Aljustrel)*”.

Como nota final, parece-nos que a argumentação apresentada ao longo desta reflexão, com base essencialmente em suporte documental, permitiu ir um pouco mais além na procura de obter uma origem e significado para o topónimo *Çaadam*. Pareceu-nos patente que este topónimo encontra-se intimamente ligado ao Médio Sado, com ramificações interessantes para os acontecimentos que decorreram no Torrão e em Alcácer do Sal. Estamos conscientes que foram abertos novos caminhos de investigação. Vão ser esses os aspectos que iremos abordar nos próximos estudos sobre o vale do Sado, no âmbito do projeto em curso sobre a História do Município do Torrão. 

<sup>37</sup> Referem-se aos estudos que temos vindo a efectuar sobre uma construção enigmática adocada à cerca conventual do convento das freiras Clarissas do Torrão, que recentemente interpretámos como uma *Musalla* (ver a bibliografia que acompanha este estudo).

## FONTES

### CARTOGRAFIA ANTIGA

JANSSON, Jan (1650) – *Joannis Janssonii Novus atlas, sive Theatrum orbis terrarum, in quo orbis antiquus, seu geographia vetus, sacra & profana exhibetur*. Amesterdão: Ed. Amstelodami, segundo Ioannem Ianssonium, pp. 149-150.

TOMÁS LÓPEZ – *Atlas Particular de los Reynos de Espanā, Portugal e Islas Adjacentes*. Disponível na Biblioteca Digital Real Academia de la Historia, em <http://bibliotecadigital.rah.es>. Consultado a 20-02-2013.

RAPOPORT, Yossef e SAVAGE-SMITH, Emili, apresentado na versão digital do “Rectangular World Map”, inserido no *The Book of Curiosities*, pertencente à Bodleian Library da Universidade de Oxford. Disponível em <http://cosmos.bodleian.ox.ac.uk/hms/unilister.php?show=chapters&reset=1&expand=732,814>.

### MANUSCRITAS E IMPRESSAS

AAVV (1817) – *Jornal de Coimbra*. Lisboa: Imprensa Régia. Volume XI, Num. LIX, Parte II, p. 347.

AAVV (2006) – *Livro dos Copos*. Vol. 1.

ABŪ L-FIDĀ’ (XIIIe-XIVe siècle), *Taqwīm al-buldān. Géographie d’Aboulfēda*, éd. M. Reinaud et M. G. de Slane, Paris, 1840; trad. M. Reinaud, St. Guyard, Paris, 1848; H.A.R. Gibb, «*Abū l-Fidā*», *Encyclopédie de l’Islam* 2, t. I, p. 118.

AL-IDRĪSĪ (XIIe siècle), *Kitāb nuzhat al-muštāq fi-ḥtirāk al-afāq*. Ed. Inst. Univ. Orientale di Napoli e Instituto per il Medio e Estremo Oriente, *al-Idrīsī, opus geographicum*, Naples / Roma, 1975; trad. R. Dozy et M. De Goeje, *Description de l’Afrique et de l’Espagne*, nouvelle édition, Leyde, 1968, p. 544, trad. p. 219; trad. relative à l’Occident, H. Bresc, A. Nef, *Idrīsī. La première géographie de l’Occident*, Paris, 1999; (*Muhāj*) *Uns al-muhāj wa rawḍ al-furāḥ*, éd. et trad. de M. J. Mizal, *Los Caminos de al-Andalus en el Siglo XII*, Madrid, 1989, p. 49, trad. p. 82; G. Oman, «*al-Idrīsī*», *Encyclopédie de l’Islam* 2, t. III, pp. 1058-1061.

ANJOS, Frey Luis dos (1626) – *Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas Sanctas, & outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viverão, ou estão sepultadas neste reino, & suas côquistas*. Coimbra: Nicolao Carvalho Impressor del Rey.

ARRAIZ, Dom Frey Amador (1604) – *Dialogos*. 2.ª ed. Coimbra: Officina de Diogo Gomez Lovreiro, p. 113.

CARDOSO, Luiz (1747) – *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de Todas as Cidades, villas, Lugares, e Aldeias, rios, Ribeiros, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrao, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real. Tomo I, fl. 287.

CASTRO, João Bautista de (1745) – *Mappa de Portugal. Parte Primeira*. Na Officina de Miguel Manescal da Costa, fl. 192.

CLARO, Rogério Peres (1957) – *Setúbal no Século XVIII. As informações paroquiais de 1758*. Setúbal.

COSTA, António Carvalho da (1712) – *Corografia Portuguesa, e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal...* Tomo Terceyro, fol. 334.

FALCÃO, Luiz de Figueiredo (1859) – *Livro em que contem toda a Fazenda e Real Património dos Reinos de Portugal, India e ilhas Adjacentes e outras particularidades*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional, pp. 255-256.

FLOREZ, Enrique (1782) – *Espana Sagrada, Theatro Geographico-Historico de la Iglesia de Espana*. 2.ª ed. Madrid: oficina de Pedro Marin. Tomo XIII – “De la Lusitania Antigua en común, y de su Metropoli Mérida en particular”, p. 42. ...36 ▶

## ANEXO DOCUMENTAL

### O Rio Sado nas *Memórias Paroquiais*

#### recolha de elementos por freguesia, de jusante para montante

##### MUNICÍPIO DE SETÚBAL

###### Freguesia de São Sebastião

(CLARO, 1957: 10)

*“Esta terra hé porto de mar que no citio da Troya entre a ponta do Adoxo, e a Torre de Oytão entra pela boca da barra naturalmente hum bráso do Oceano, o qual vem circulando a dita Vila de Sul a Norte, cujas mares nas enxentes sobem pelo rio Sado asima athe o Porto del Rey que da boca da barra dista quinze legoas, e tanto na costa do dito Oceano, como dentro do mencionado rio se fazem grandes pescarias de todo o género de pescado sendo este o mais saborozo de toda a Europa”.*

Um pouco mais à frente, refere que o estuário era sulcado por uma multidão de embarcações, nomeadamente (sic): *“Nãos segundo a vulgar openião dos práticos, fora as embarcações da terra, que são immenças assim Hyates, como barcos da marinha, Lanxas do alto, Catrayas Chinxas, Chinxoros, moletas de Tataranba, Caboeiras, Saveiros, e Lanchas de todo o género de pescado, assim da costa como do rio”* (CLARO, 1957: 11).

Em relação ao rio Sado, escreveu (CLARO, 1957: 17-19): *“Se chama o rio Sado o qual tem o seu principio parte na herdade de Sado que hé dos frades Bentos, e parte no termo da Vila de Grândola do celebrado aroyo do Borbolegão de agoa excelente assim por boa, como por muita, o qual olho he do tamanho da roda de hum carro: neste tem também principio o rio Arcam, que se mete no Sado asima de Alcacer huma legoa, e o tal rio Arcam he vedado de trutas, e madeiras por regalia do Mestre de Santiago Dom Jorge, filho do Senhor Rey D. João segundo, como consta do foral da Camera daquela Vila de Grândola.*

*[...] Dizem alguns estoriadores que o tal rio Sado tem a sua origem em vários ribeiros e regatos que vem do Campo de Ourique distilações da Serra de Monxique do Reyno do Algarve, o que tenho por fálço suposto, e a rezão he porque todas as aguas da dita*

*Serra são muito sulfúreas, e quentes, como se experimenta nas Caldas que naquelle citio há a que chamão caldas do Sul, que não crião, nem podem criar trutas, como se crião no rio Arcam, que são aguas frias, e rijas, em as quaes se crião semelhantes pescados.*

*No dito rio Sado se metem também os olhos de agua que nascem asima de Vale do guizo, e o rio de Arcam, também se mete no dito rio a ribeira de Citi-mos, e a do Porto da Lama, e bem assim hum brasso de rio da parte do Norte no citio de Palma que vai ter á herdade da Cubissa, que hé do Excelentíssimo Conde de Palma, aonde vão barcos buscar lenha, e fruta de melões, e melancias. Da parte do Sul no sitio de Montalvo está hum ribeiro com que moem dous moinhos, o qual se mete também no rio Sado, e bem assim a ribeira de Marateca, que vem dar a Águas de Moura, ao pe da qual com as mares chegão barcos, tem mais duas ribeiras a que chamão as Valas cada huma com sua ponte de pedra, e ambas vem dar ao rio Sado ás quaes vão barcos das marinhas, tem mais brasso de rio que vai dar ao moinho das praias, aonde vam barcos do Sal. O dito rio Sado corre do seu nascimento da parte do Nascente para Poente aonde morre com as mais aguas sobre ditas que nelle entram na boca da Barra do mar Oceano: este rio he navegável que por elle navegação muito a vontade não só barcos da marinha mas também Hyátes athe o Porto del Rey, e de São Bento, aonde vão buscar os trigos sevádas, e mais mantimentos que vem da província do Alentejo, assim para esta Vila, como para a Corte, e a cidade de Lisboa, e dos ditos portos athe as palhotas que distão duas legoas navegação tam somente bateis para a condussão de palhas, aonde também chega a maré em água vivas, e das ditas Palhotas athe a Boca da Barra distão dezasete legoas o dito rio em algumas partes tem seos baichos, que para navegarem embarcações maiores, e carregadas percizão de maré cheia.*

*Desta Vila athe á Alcácer a que chamão o Salgado se áchão quazi quinhentas marinhas em que se fabrica Sal, tanto da parte do Norte, como da parte do Sul ao longo do mesmo rio, e na mesma forma muitas, e varias herdades de matos de Sovero, Carvalhos e pinheiros, e bem assim moinhos, pelo que*

*respeita ao termo desta Vila (Setúbal), [...] e nesta forma se dá geral enformação pelo que respeita ao rio Sado, no qual em todo o tempo há pescarias, e nelle se pesca todo o género de pescado menos sáveis que estes só se pescão de Alcácer para sima, de cujas pescarias tam somente se pagão os direitos a Sua Magestade, e a Ordem de Santiago. Setúbal 2 de Agosto de 1758.*

*Pº Manoel Prª de Carvalho”.*

###### Freguesia da Annunciada

(CLARO, 1957: 35-36)

*“Do Rio (Sado)*

*Chama se o Rio Sadão: tem seo nascimto nos confins do Algarve.*

*Não hé caudalozo no nascimento, e corre todo o anno.*

*Entrão nelle o Enxarrama, Odivelas, Garcia mínino, Santadetença, Palma<sup>38</sup>, etc. Os quatro primeiros assima de Alcacere, o ult.º abaxo da mesma Vª.*

*He navegável de embarcações pequenas athe Porto de Rey, porem athe Alcacere chegão os hyates.*

*Não hé tão arrebatado como o Tejo.*

*Corre de Nascente a Poente com varias voltas.*

*Cria muges, Barbos, Enguias, e todo o género de marisco.*

*As pescarias pertencem à Ordem de S. Tiago, e á Coroa digo, são nelle continuas.*

*Cultiva se em partes, porem a maior cultura hé de marinhas.*

*As suas aguas cozidas com casca de rabaos diz hum Author que tirão nódoas, e pano do rosto.*

*Conserva o mesmo nome. Antigamente se chamou Calipus, ou Calipos, Sandano, Satus.*

*Morre no mar, onde entra na barra de Setúbal.*

*Athe o Porto de Rey assima de Alcacere hé navegável, ainda que na distancia desta Vª a Setúbal tenha alguns cabeços<sup>39</sup>*

<sup>38</sup> Realçamos em bold as referências a Palma e à sua região.

<sup>39</sup> Bancos de areia, alguns deles submersos que emergem na maré vazia.

- ◀ 34... IBN 'IDARĪ (XIIIe-XIVe siècle), *al-Bayān al-muǧrib fi aḥbār mulūk al-Andalus*, éd. Dozy, R., Leyde 1948-1951.
- IBN HAWQAL (Xe siècle), *Kitāb surat al-ard. Configuration de la Terre*. Introduction et traduction avec index par J. H. Kramers et G. Wiet, Paris, 1964 (2 vols.); Kramers, G. Wiet et A. Miquel, Paris, 2001; *Encyclopédie de l'Islam* 2, t. III, pp. 810-811.
- LINK, Heinrich Friedrich (1767-1851) – *Notas de uma viagem a Portugal e através de França e Espanha*. Tradução, introdução e notas Fernando Clara. Lisboa: Biblioteca Nacional (nota de rodapé na página 156).
- NIZA, Paulo Dias de (1768) – *Portugal Sacro-Profano ou Catalogo Alfabético de todas as Freguezias dos*

- Reinos de Portugal, e Algarve, das Igrejas com seus Oragos, do título dos Parocos, e anual rendimento de cada huma: dos Padroeiros, que apresentação: juntamente com as léguas de distancia da Metropoli do Reino, e da Cidade principal, e cabeça do Bispado, com o numero dos fogos*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, Anno M DCC LXVIII. Parte II.
- RAVENNATIS Anonymi *Cosmographia et Guidonis Geographica* – Ed. Joseph Schnetz in *Itineraria Romana, II, Lipsia* (1940). A parte correspondente à Península Ibérica [A seção IV 43 do manuscrito (pág. 79 da edição de Schnetz e pág. 4 do fac-simile electrónico) encontra-se disponível em <http://larkeotavira.com/fontes/Ravenatel>, tendo sido consultada em 10-01-2013].
- RESENDE, André de (1593) – “As Antiguidades

- da Lusitânia”. *Portugaliae Monvmenta Neolatina*, Vol. III. Coordenação científica da APENEL, coordenação editorial de Maria João Padez de Castro. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra (2009), pp. 180 e 182.
- RESENDIO, Lucio Andrea (1593) – *Libri Quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae*. Evora, Excudebat Martinus Burgensis Academia Typographus [*Liber Secundus*, folios 65-66].
- TOMÁS, Frey Leão de (1644) – *Benedictina Lvsitana. Dedicada ao Grande Patriarcha S. Bento*. Coimbra: Officina de Diogo Gomes de Loureiro Typographo da Vniversidade, pp. 440-441.
- VENTURA, Leontina e OLIVEIRA, António Resende de (2011) – *Chancelaria de D. Afonso III. Livros II e III*. Ed. Universidade de Coimbra, p. 241, doc. 5.

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Rui de (1937) – “Período de formação territorial: expansão pela conquista e sua consolidação pelo povoamento. As terras doadas. Agentes colonizadores”. In BAIÃO, A.; CIDADE, H. e MÚRIAS, M. (dir.). *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Ed. Ática. Vol. I, pp. 24-50.
- BAIÃO, António (1915) – *Alguns Ascendentes de Albuquerque e o seu filho: à luz de documentos inéditos. A questão da sepultura do governador da Índia*. Memória publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, p. 6.
- BURESI, Pascal (2004) – *La Frontiere entre chrestiente et Islam dans la Peninsula Iberique. Du Tage a la Sierra Morena (fin Xle - milieu XIIIe siecle)*. Paris: EPU. Publibook.
- BURESI, Pascal e EL AALLAOUI, Hicham (2013) – “Governing the Empire: Provincial Administration in the Almohad Caliphate (1224-1269)”. *Studies in the History and Society of the Maghrib*. Brill. 3.
- CARVALHO, António Rafael (2007a) – *Al Qasr: a Alcácer do Sal Islâmica. Roteiro - Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal*. Lisboa: IGESPAR, pp. 43-56.
- CARVALHO, António Rafael (2007b) – *Alcácer: Alcácer do Sal Medieval e Cristã. Roteiro - Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal*. Lisboa: IGESPAR, pp. 57-68.
- CARVALHO, António Rafael (2008a) – *Musalla do Hisn Turrus/Torrão: uma leitura Arquitectónica*. Disponível em [http://issuu.com/almadan/docs/almadan\\_online\\_16](http://www.cm-alcacerdosal.pt/PT/Actualidade/Publicacoes/Paginas/EstudosdoGabinete deArqueologia.aspx (Coleção Digital - Elementos para a História do Município de Alcácer do Sal, 3)</a>.</p>
<p>CARVALHO, António Rafael (2008b) – “A Musalla do Hisn Turrus / Torrão: uma hipótese de trabalho”. <i>Al-Madan Online</i>. IIª Série. 16: 115-140. Disponível em <a href=).
- CARVALHO, António Rafael (prelo) – “Alcácer do Sal / al-Qasr em Contexto Almorávida (1094-1146): a sua expressão política no Alentejo Litoral, como Madina Marsā-Ribāt do Tagr do Garb al-Andalus”. In Atas do 3º Encontro de História do Alentejo Litoral (Sines).
- CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos e FERREIRA, Marisol Aires (2004) – *Alcácer do Sal Islâmica. Arqueologia e História de uma Medina do Garb al-Andalus (Séculos VIII-XIII)*. C. M. de Alcácer do Sal.
- CASTRILLO MÁRQUEZ, Rafaela (1997) – “Instituciones Políticas”. In VIGUERA, Mª J. (coord.). *El Retroceso Territorial de al-Andalus. Almorávides y Almohades. Siglos XI al XIII*. Madrid: Espasa Calpe, pp. 129-145 (Vol. VIII/\*\* de *Historia de España*, dir. por Ramón Menéndez Pidal).
- COTTART, Nicole Danièle e CARVALHO, António Rafael (2010) – “Os Grafitos da Muralha Almóada de Alcácer do Sal”. *Conimbriga*. 49: 183-223.
- DEMURGER, Alain (2009) – “«Combat» Prier et Combatte”. In BÉRIOU, Nicole e JOSSERAND, Philippe (dir.). *Dictionnaire Européen des Ordres Militaires au Moyen Âge*. Ed. Fayard, pp. 244-245.
- FARIA, João Carlos (2002) – *Alcácer ao Tempo dos Romanos*.
- FIERRO, Maribel (1997) – “La Religión”. In VIGUERA, Mª J. (coord.). *El Retroceso Territorial de al-Andalus. Almorávides y Almohades. Siglos XI al XIII*. Madrid: Espasa Calpe, pp. 437-546 (Vol. VIII/\*\* de *Historia de España*, dir. por Ramón Menéndez Pidal).
- FOLQUE, Filipe (1868) – *Relatorio acerca da Arborização Geral do Paiz*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências, p. 72.
- GARCÍA SANJUAN, A. (2009) – “La caracterización geográfica del Garb al-Andalus en las fuentes arabs medievales”. *Medievalista*. Lisboa. 6, ver pp. 2-11 (disponível em <http://www2.fesh.unl.pt/iem/medievalista>, consultada em 18-02-2013).
- GARCÍA SANJUAN, Alejandro (2007) – “Till God inherits the Earth: Islamic Pious Endowments in al-Andalus (9-15th Centuries)”. *The Medieval and Early Modern Iberian World*. Brill. 31.
- HUICI MIRANDA, A. (1945) – “Los Almohades en Portugal”. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. 5: 11-74.
- HUICI MIRANDA, A. (1956-1957) – *História Política del Império Almohade. Primera Parte*. Tetuan, 1956; *IDEM, Segunda Parte*, Tetuan, 1957.
- KNYSH, Alexander (2006) – “Sufism and the Qur’an”. In *Enciclopedia of the Qur’an*. Brill. Vol. 5, pp. 137-159.
- KOHLBERG, E. (1997) – “Shahīd”. In *Encyclopedia of Islam* 2. Brill. Vol. IX, pp. 203-207.
- LAUDAU-TASSERON, Ella (2003) – “Jihad”. In *Enciclopedia of the Qur’an*. Brill. Vol. 3, pp. 35-42.
- PENELAS, Mayte (2004) – “Introducción a la Doctrina Mālikí sobre el Martirio”. In MARIBEL FIERRO (ed.). *De Muerte Violenta. Política, religión y violencia en al-Andalus*, pp. 451-475 (*Col. Eoba*, 14) (disponível em <http://hdl.handle.net/10261/12008>, consultado em 20-01-2013).
- PICARD, C. (2000) – *Le Portugal Musulman (VIII-XIII Siecle)*.
- RAVEN, Wim (2003) – “Martyrs”. In *Enciclopedia of the Qur’an*. Brill. Vol. 3, pp. 281-286.
- REI, António (2005) – “O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XIII: Yāqūt al-Hamāwī e Ibn Sa‘īd al-Maghribī”. *Medievalista*. Lisboa. 1 (disponível em <http://www2.fesh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIAVALISTA1/PDF/GHARB%20AL%20ANDALUS%20pdf.pdf>, consultada em 18-02-2013).
- SIDARUS, Adel e REI, António (2001) – “Lisboa e seu termo segundo os geógrafos árabes”. *Arqueologia Medieval*. 7.
- SILVA, José Justino de Andrade e (1854) – *Colecção Chronologica da Legislação Portuguesa (1603-1612)*. Lisboa. Vol. 1, p. 123.
- SILVEIRA, Joaquim Henriques da et al. (1849-1850) – *Revista Popular. Semanario de Literatura, Ciencia e Industria*. Lisboa: Imprensa Nacional. II vol., p. 350.
- TAHIRI, Ahmed (2007) – *Rif al-Maghrib y al-Andalus*.
- VALLVÉ, J. (1986) – *La División Territorial de la España Musulmana*, p. 110.
- VASCONCELLOS, Leite de (1895) – “Excursão archeologica a Alcaccer-do-Sal”. *O Archeologo Português*. Vol. I, n.º 3, p. 84.
- VIGUERA MOLINS, M. J. (1997) – “Historia Política”. In VIGUERA, Mª J. (coord.). *El Retroceso Territorial de al-Andalus. Almorávides y Almohades. Siglos XI al XIII*. Madrid: Espasa Calpe, pp. 41-123 (Vol. VIII/\*\* de *Historia de España*, dir. por Ramón Menéndez Pidal).

*Não tem pontes.*

*Tem moinhos*

*Não consta que das suas áreas se tirasse ouro, porem no sitio de Troya sei se tem achado algumas moedas de ouro do tempo dos romanos, e muitas de cobre.*

*Não há dificuldade em se servirem os povos, por onde passa, de suas agoas livremente.*

*Hé grande a sua distanciam, pois do Porto de Rey donde hé navegável a Setuval, são quatorze legoas, nas quaes passa por Alcacere, e finda nesta Villa.*

*Criao se neste Rio excellentes salmonetes, de que há continua condução para a Corte, e de mais pescado, que, que também se leva para varias partes do Reino”.*

1758 (não assinado)

### Freguesia de Santa Maria da Graça

(CLARO, 1957: 45-51)

*“Do rio Sado*

*“1. O rio desta terra se chama Sado. Tem seu nascimento na comarca do Campo de Ourique, na freguezia de São Martinho das Amoreiras. Da herdade do monte do serro da dita freguezia nasce hum piqueno regato, e outro da fonte da aldeia de São Martinho das Amoreiras, que ambos se incorporam, e ajuntam em pouca distancia da aldeia de Cunqueiros; e da qui comessa o nosso Sado a receber o nome de ribeira, que o de rio se não uza na provincia do Alem-Tejo com os rios da mesma provincia, e assim dizem a ribeira de Guadiana, a ribeira de Sado, etc, o rio Tejo, o rio Douro, etc.. O que digo do sitio, onde nasce o Sado, he mais individual, que, o que dizem os nossos Authores, que não passam de dizer, que o rio Sado nasce nos confins do Algarve: o que eu não contradigo, porque verdadeiramente nasce nas abas da Serra de Monchique.*

*2. Do que tenho dito se colhe, que não nasce caudalozu rio de tão ténue cabedal de agoas na sua origem, como dous piquenos regatos. Do seu nascimento até Alvalade, que são sinco legoas por caminho direito, não corre este rio no verão, ou estio, mas ficam suas agoas retidas, reprezadas em vários pegos, que corrompendo-se por ociosas, são causa de Synochos [febres contínuas] ardentes, e terçans nos povos convesinhos principalmente em Garvão, e Alvalade: desta villa para baixo he perenne em todo o anno.*

*3. Entra neste rio pouco acima de Garvão outro, que não tendo nome se contenta com o genérico de Ribeira, ou rio de Ourique: abaixo de Alvalade a ribeira, ou rio de Ourique: abaixo de Alvalade a ribeira, ou rio de campilhas: entre o Roxo, e a aldeia de Ermidas a ribeira, ou rio do Roxo: junto a huma herdade, e moinho chamado a Algeda a ribeira, ou*

*rio do mesmo nome: nos confins das freguezias do Roxo, e de Bayros o rio, ou ribeira de Corona: na freguezia dos Bayros junto ás cazas da herdade de Porto-Carvalho a ribeira, ou rio de Odivelas: junto á herdade da Quinta de cima a ribeira, ou rio de Alvito: junto á Quinta de Dom Rodrigo a ribeira, ou rio Enxarrama: na herdade dos Frades a ribeira, ou rio de algalé: pouco abaixo da aldeia de Val-de-guizo a ribeira, ou rio de Arção: no sitio da Foz a ribeira, ou rio de Sítimos: no sitio das Faias a ribeira, ou rio de Alberges: na Boca de Palma <sup>40</sup>: na Boca das praias a ribeira, ou rio de Maratequa.*

*Os rios, que nomeio vão por ordem, comessando a contar de cima para baixo: a noticia, que delles dou he exactissima. Nem faça duvida dizer eu, que o rio de Campilhas, e de Corona entram no Sado em diversos lugares, achando-se estes dous rios embebidos hum no outro, e entrando no mesmo lugar nas cartas geográficas, como também o rio de Odevelas, e o Enxarrama; porque daqui, o que se segue, he, que erraram os geógrafos. Nem faça também duvida o não falar eu no rio de Santadetença, e no rio Garcia-minino, que Bluteau diz, que morrem no Sado: nem falar também no rio Davini, e no rio Porto-da-lama, e em outros, que alem destes se acham nas cartas geográficas; porque tal rio Santadetença se não mete no Sado: antes eu conjecturo, que o mesmo Sado, antes de chegar a Garvão, teve anti-guamente o nome de Santa-detença. Garcia-minino não he rio, mas huma herdade nas margens do Sado. O rio Davini he, o que chamo aniza, o rio Porto-da-lama he, o que chamo Sítimos. Os mais, que nomeam as cartas geográficas, não são rios, mas uns piquenos regatos, e esses mal situados nas mesmas cartas.*

*4. [o Sado] He navegável em navios até esta terra; em hiates até Alcacere; e até o Porto de Rey em embarcações menores: em lanchinhas em vários pegos, como no do Faião, no Porto dos Caneiros, no Monte dos pinheiros, e no de São Mamede.*

*5. O seu curso pode absolutamente dizer-se, que he arrebatado desde o principio do rio até o pego do Faião na freguezia dos Bayros: neste he plácido pela distancia de hum quarto de legoa, e logo nas correntes*

*de Porto dos caneiros torna a ser arrebatado por espaço pouco mais, ou menos, de quinhentos passos: no fim destas correntes torna a ser plácido em hum pego do nome, e distancia dellas, no fim do qual torna a correr arrebatado nas correntes do Fomentum por espaço de quarenta passos, no fim dos quais torna a ser plácido no pego do Monte dos pinheiros por espaço de hum quarto de legoa, no fim deste torna a correr arrebatado pelas correntes de Garcia-minino, que são de quasi meã legoa, no fim das quais, que he pouco acima da igreja da freguezia de Santa Margarida de Sado torna a correr sereno, e assim continua até o seu ultimo termo. Porem onde corre mais arrebatado he na distancia de mea legoa, que há do moinho da Gamita na freguezia de nossa Senhora do Roxo até ao principio do nomeado pego do Faião, por ser este lugar fragozo, e de altissimas, e continuadas penedias, por onde o rio se despeña com tanto ímpeto, que de frente da aldeia dos Bayros em hum alto despeñadeiro, chamado o Burdo <sup>41</sup>, quando vai medianamente cheio, faz tal estrondo, que se ouve em distancia*

*de huma legoa: imita verdadeiramente as Catadupas do N?lo <sup>42</sup>. 6. [O Sado] Corre de Sul a Norte, inclinando sempre para o Occidente, rezão, porque, quem o vir só nesta terra [Setúbal], entenderá, que corre de Oriente a Poente.*

*7. Tenho para mim, que não há rio em Portugal (excepto o Guadiana) que antes de se misturar com a agoa salgada crie maior abundancia de peixes. Como em todas as espécies de animais sempre são mais numerosas as de menor corpulência, assim neste rio*

<sup>40</sup> Durante a Idade Média, assim como no Período Moderno, quando estamos em presença de um curso de água fluvial que permite a navegação em troços bem delimitados e pequenos, o rio ou ribeira toma o nome do porto mais importante aí existente.

No caso da actual ribeira de São Martinho, o facto de nos mapas efectuados desde o século XVI este troço ter a denominação de rio de **Palma**, é uma alusão ao porto fluvial existente nessa época na actual aldeia de **Palma**.

Séculos mais tarde a denominação mantém-se porque, devido ao assoreamento mais a montante, as instalações portuárias aí existentes tiveram que ser desmanteladas. Serão instaladas mais para jusante, num local que vai receber o nome de **Monte Novo de Palma**.

Verificamos deste modo a força do topónimo **Palma** nesta região, que também denuncia claramente qual a função desta nova estrutura fluvial na ribeira de São Martinho.

O topónimo documenta igualmente uma deslocação de parte da população da aldeia de **Palma** para esta nova localização, mais próxima do leito principal do rio Sado, tornando novamente viável a circulação de produtos, ideias e pessoas nesta região do estuário do Sado e no interior alentejano.

<sup>41</sup> Topónimo que poderá derivar de *Burj*, palavra árabe que significa Torre (para defesa de território).

<sup>42</sup> Alusão às cataratas do rio Nilo? Não sabemos.

he maior a copia dos mínimos peixes delle, a que, os que habitam as suas margens chamam guindaos, e depois destes a de outros peixes não muito maiores, chamados pardelhas. Com isto tenho satisfeito, ao que se pergunta nesta parte. Mas não me parece, que quem pergunta, quererá saber dos peixes mais vis, porque multiplicam em maior quantidade, e ignorar os mais nobres, porque produzem menos: e assim digo, que neste rio há abundância de excellentes barbos, de salmões, mas injocundos [agradáveis] no gosto, e menores, que, os que se pescam no Minho: de bordalos tão saborozos, que em pouco cedem a os salmometes, de tainhas as melhores, que há em todos os rios: de sáveis, que apparecem em Fevereiro pouco mais, ou menos, e dezapparecem em Mayo: de grossas enguias. Algumas lampreas, e alguns robalos se tem pescado neste rio, ainda que raros. Há também nelle grande abundância de bogas. Qualquer peixe deste rio (excepto o salmão) he de melhor sabor, que o de outros rios. Depois que a agoa doce do rio se mistura com a salgada, pescam-se nelle outras espécies de peixes, como solhas, lingoados, salmometes, charrocos, etc. porem não sei, se nativos, se comunicados do mar.

8. Em todo o ano se pesca neste rio.

9. As pescarias de agoa doce são totalmente livres: as de salgado pertencem á Coroa, e á Ordem de São Tiago.

10. Onde tem margens, se cultivam; mas estas se interrompem frequentemente com montes, e rochedos, excepto da igreja da freguezia de Santa Margarida de Sado até quasi a Alcacere, em cuja distancia se cultivam sem interrupção, e com tanta abundância, que só a herdade da Quinta de cima pagava vinte moios de trigo de renda, e segundo o costume dos lavradores mais económicos, que he semear a renda, devia semear-se nella outro tanto. Tenho para mim, que desta continuação de lavou- ras se chama o rio Sado, quasi Sato de Satus participio de Ser; e Satus lhe chamou hum escriptor latino. Move-me este pensamento o ver, que toma o nome de Sado, onde as suas margens se comessam a semear sem interrupção, e que o conserva constantemente. As margens deste rio de Alvalade até Santa Margarida de Sado são abundantes de arvores silvestres como freixos, carvalhos, salgueiros, vimes, tamargueiras; de Santa Margarida até Alcacere alem das dittas arvores (excepto a tamargueira) abunda de deleitosos pomares.

11. Depois que Zacuto Lusitano no livro, que escreveo do clima de Portugal, divulgou, que as agoas deste rio antes de entrar no salgado fervidas com casca de rabam tiram as maculas, e panmo do rosto, dele o tem transcrevido tantos authores, que já he vulvarissimo, e experimentado.

12. [A quase totalidade da informação coincide com a que figura no ponto “3”].

13. Morre no mar.

14. Não tem couza, que lhe impeça a navegação, excepto os seus mesmos baixos [bancos de areia].

16. Tem bastantes moinhos.

18. Nenhum impedimento, ou pensão há para usar das agoas deste rio na cultura dos campos.

O Prior Hieronimo Affonso Botelho”<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> Sem data, mas certamente de 1758, tal como consta das respostas dos outros párocos de Setúbal.



FONTE: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4238792>.

## MUNICÍPIO DE ALCÁCER DO SAL

As *Memorias Paroquiais* referentes ao Município de Alcácer do Sal foram lidas por Carla Macedo entre 2007 e 2008. Em 2009 algumas freguesias foram publicadas na *Neptuno*, revista da associação de património de Alcácer do Sal. Aguardamos que o relançamento da revista permita publicar as leituras das freguesias ainda não dadas a conhecer até este momento.

### Freguesia de Santa Maria do Castelo

Leitura de Carla Macedo.

Respostas ao interrogatório: IANTT, *Memorias Paroquiais*, vol. 1, n.º 71, pp. 501-506 (disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4238792>).

“Ao vigésimo quarto respondo, que nesta terra há rio, que continua athe á Barra de Setúbal, tem seu cães de pedra mármore na Praça, não permite mayores embarcações, que barcos, e hiates [...]

Digo ao primeiro que o rio desta Villa chamavam-lhe antigamente Salio, e hoje o apelidão com o nome de Sado ou Sadao, ignoro porem o sitio donde nasce.

Digo ao terceiro, que no distrito de minha freguezia não se incorpora, ou mete outro algum rio em o dito rio salio ou Sadao.

Digo ao quarto, que o rio desta terra he navegável mas não tem capacidade para embarcações maiores, que barcos, e hiates.

Digo ao quinto que o rio desta terra he regularmente de corrente de sacada

Digo ao sexto, que no distrito desta freguezia corre este rio de nascente a poente.

Digo ao sétimo, que este rio cria peixes, Muges do Mar, Douradas, Robalos, Xarroucos, Corvinas, mas em mais abundância Muges.

Digo ao oitavo, que em todo o anno se pesca no dito rio.

Digo ao nono que das pescarias se extrahem duas decimas huma pèra Coroa, outra pèra a Ordem de Santiago.

Digo ao decimo, que no distrito desta freguezia não tem este rio arvoredado de fruto, ou silvestre pellas suas

*margens, nas quais senão fabrica cousa alguma, mais que o Sal das Marinhas que o produzem admirável, e em abundância.*

*Digo ao ondecimo, que não vi nem me consta, que as agoas deste rio tenham bondade, ou virtude alguma particular.*

*Digo ao duodécimo que no que respeita a minha freguesia sempre conserva o mesmo nome, o qual já disse se chamava antigamente Salio, hoje porem se nomeia Sadão.*

*Digo ao decimo terceiro, que este rio morre na barra de Setuval, que he do Mar Oceano, enquanto corre pello âmbito desta freguesia não entra rio algum nella.*

*Digo ao decimo quarto que este rio desta villa athe a barra em que morre não tem couza alguma que o embarace ser navegável.*

*Digo ao decimo quinto, que o rio desta Villa athe a barra de setuval não tem ponte alguma de pão ou cantaria.*

*Digo ao decimo sexto, que este rio no distrito de minha freguesia não tem moinhos, lagares de azeite, pizoens, noras, ou outro algum engenho.*

*Digo ao decimo sétimo, que não sei se tina, ou em algum tempo tina-se ouro das áreas deste rio.*

*Digo ao decimo oitavo que no distrito desta freguesia ninguém se utiliza das agoas deste rio, e tão somente se utilizão os moradores da terra da que he precisa para a cultura do sal nas Marinhas.*

*Digo ao decimo nono, que este rio no distrito de minha freguesia não passa por povoação alguma distinta da esta Villa por onde corre, o porto, que ignoro donde nasce contudo finaliza na barra de setuval que dista desta Villa nove legoas.*

*Digo ao vigésimo, que não tenho, que adicionar, nem responder cousa mais alguma aos Itens do papel impresso a este acordado.*

*Isto he o que se me offerece responder, aos Itens que V. ex.<sup>a</sup> R.ma me determina em tudo o mais deve obrar acertado com a vontade de V. Ex.<sup>a</sup> que Deos Guarde (?) Alcácer 27 de Junho de 1758.*

Reverente Súbdito

O Prior Bernardo Manuel de Pinna Osório”.

## Freguesia de Santiago

Leitura de Carla Macedo.

Respostas ao interrogatório: IANTT, *Memorias Paroquiais*, vol. 1, n.º 71, pp. 507-518 (disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4238793>).

“24. O Rio ou Braço de Mar, em cuja margem está esta Villa situada he navegável e (?) de Bateis, Barcos, e Caravelas, que carregam athe cento e sincoenta moios de trigo [...].

“Do rio Sado que entra no Braço de mar de Alcacere dirão os Párochos por cujos destritos o mesmo corre,

e aqui não há mais que dizer senão que he de agoa salgada com enchente, e vazante, vai morrer na Barra de Setúbal; os peixes que mais cria e nelle se pesca são tainhas, azevias, corvinas, robalos e savens no Inverno.

He o que se ofrese dizer e informar a V. Exc.<sup>a</sup> a cujas ordens fico sempre muito prompto com a mais rendida obediência.

Alcacere 26 de Junho de 1758.

O Parocho de S. Tiago de Alcácer Luís Perdição de Freytas”.

## Freguesia de São João da Palma

Leitura de Carla Macedo.

Respostas ao interrogatório: IANTT, *Memorias Paroquiais*, vol. 27, n.º 37, pp. 199-202 (disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4241068>).

“24. Pello mejo desta Herdade passa uma Ribeira [Palma], que vae acabar no rijo de Alcacere [Sado], que vae para Setúbal e a onde acaba tem por nome a Boca de Palma, por onde sobem Barcos athe a Herdade do Monte Novo, que dista huma legoa desta Igreja, nos lados da Ribeira há grandes vargens e lagoas, e juncto ao lugar de Cobissa, esta um grande [olho?] de agoa, o qual tem por todolo o [olho?] de Bode”.

## EXTINTO MUNICÍPIO DO TORRÃO

Em relação à freguesia de Odivelas do extinto concelho do Torrão, a leitura que efectuámos permitiu constatar que o pároco local mencionou unicamente o rio Odivelas, ignorando completamente o rio Sado. Por isso, achámos conveniente não colocar esses elementos neste estudo.

## Freguesia do Torrão

Leitura de Carla Macedo.

Respostas ao interrogatório: IANTT, *Memorias Paroquiais*, vol. 36, n.º 68, pp. 595-606 (disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4241888>).

O rio mencionado resume-se ao Xarrama.

No breve apontamento onde refere o rio Sado, unicamente afirma que: “Vay dito, [o Xarrama] se mete no Rio Sadam, daqui duas legoas para a parte do poente”.

## Freguesia de São Romão do Sadão

Leitura de Carla Macedo. Colocamos só alguns elementos referentes ao rio. O texto original é bastante extenso e, dada a natureza deste estudo, pensamos ser adequado expô-lo noutra trabalho, mais direcionado para o Período Moderno.

“Esta freguesia he como já disse citeada nas margens do Rio Sadão e nella não há Serra alguma [...].

A respeito do que se procura saber dos Rios se me offerece dizer o seguinte:

1. O rio que discorre pelo prolongo desta freguesia se chama o Rio Sadam, e não lhe pondo averiguação a sua origem com total serteza, e assim não sei o cithio onde ele nasce.

2. Commo me nam consta o nascimento do dito Rio, nam posso dizer se principia logo se nam caudaloso, sei sim he certo que nos limites desta freguesia corre nele todo ano bastante agoa.

3. Nos limites desta freguesia entram duas Ribeyras ou Rios pequenos, que deverão se [?] no Rio Sadão; huma chamada a Ribeyra da Encharrama, que entra no Rio Sadam entre huma Erdade chamada a Enchurraminha e outra Erdade chamada a quinta de Dom Rodrigo e a outra Ribeyra ou Rio pequeno chamado de Algale, que entra no dito Rio Sadão entre a Erdade dos frades do Pinheiro de Evora e a Erdade das Parchanas”.

## Freguesia de Santa Margarida do Sadão

Leitura de Carla Macedo.

“Rio

1º Chamaçe o Rio Sadão e nasce da Serra de Gravão distante para a parte do Sul oijto léguas com [?]... águas, todo o anno metendo desse athe alé vários nassedios. Como das herdades da Maguer, e juntas, o Porto do Mouro, aonde faz corpo de Agua com que moem dois aferidos cotidianos.

3º Entra nelle O Rio da Aniza junto a mesma freguesia e dali para bacho faz o Rio hu pego de legoa e meya de bom pondo que senão passa sem aver nelle braças pequenas.

5º He de curso manso.

6º Corre do sul para o norte, e virando para o poente limita no mar de Setúbal.

7º os peches que nele se criação são tainhas de spisial gosto de que há pescadores em todo o anno.

9º As quais pescarias são Livres.

15 de Mayo de 1758

O Padre João Ignácio da P”.

# al. madan online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[secretariado@caa.org.pt\]](mailto:secretariado@caa.org.pt)

**[212 766 975 | 967 354 861]**

**[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]**